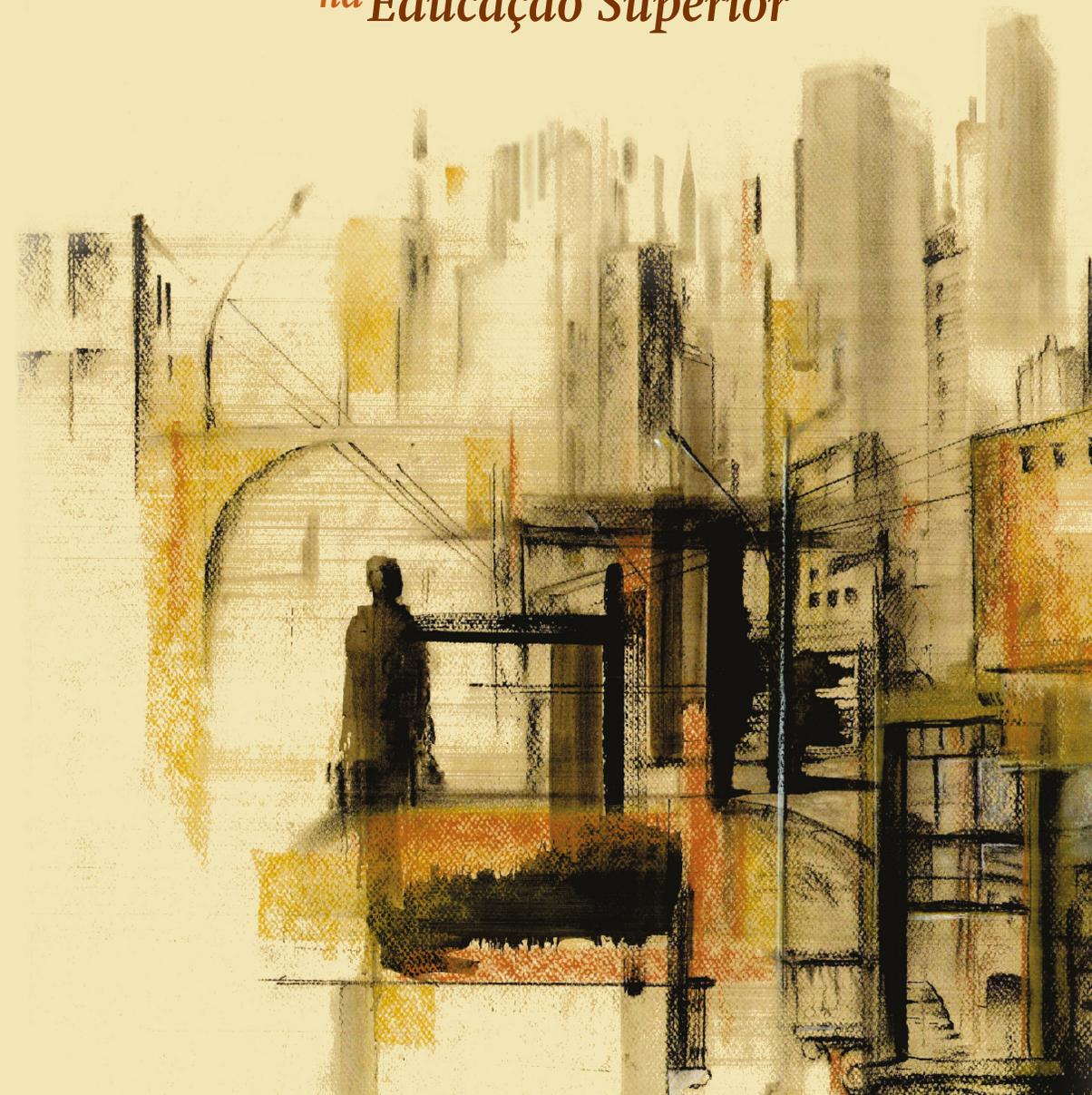


Ação *Evangelizadora*  
**Marista**  
na *Educação Superior*





*Ação Evangelizadora*  
**Marista**  
*na Educação Superior*

© 2017, Fabiano Incerti, Ir. John McMahon, Pe. Marcial Maçaneiro SCJ, Ir. Rogério Renato Mateucci  
2017, PUCPRESS

Este livro, na totalidade ou em parte, não podem ser reproduzidos por qualquer meio sem autorização expressa por escrito do Editor.

#### **Secretariado de Missão do Instituto Marista**

Ir. Carlos Albertos Rojas Carvajal – Diretor  
Ir. Mark Omede – Vice Diretor

#### **Conselho Diretor da Rede Marista Internacional de Instituições de Educação Superior**

Ir. Roberto Mendes Lopez – Presidente  
Ir. David Hall – Conselheiro  
Ir. Pablo Gonzalez Franco – Conselheiro  
Ir. Clemente Ivo Juliatto – Conselheiro

#### **Autores**

Fabiano Incerti  
Ir. John McMahon  
Pe. Marcial Maçaneiro SCJ  
Ir. Rogério Renato Mateucci

#### **Revisão Teológica**

Alex Villas Boas  
José André de Azevedo

#### **Tradução**

Carla Fabiana Barcaro

#### **Suporte técnico e logístico**

Província Marista Brasil Centro-Sul

#### **Editora Universitária Champagnat/ PUCPRESS**

#### **Coordenação**

Michele Marcos de Oliveira

#### **Editor**

Marcelo Manduca

#### **Preparação de texto**

Marcelo Manduca

#### **Revisão**

Camila Fernandes de Salvo  
Douglas Borges Candido  
Marcelo Manduca

#### **Capa e projeto gráfico**

Rafael Matta Carnasciali  
Solange Freitas de Melo Eschípio

#### **Diagramação**

Paola de Lara da Costa  
Rafael Matta Carnasciali

#### **Ilustração**

Élio Chaves

### **PUCPRESS**

Rua Imaculada Conceição, 1155 - Prédio da Administração - 6º andar  
Campus Curitiba - CEP 80215-901 - Curitiba / PR  
Tel. (41) 3271-1701 | pucpress@pucpr.br

Dados da Catalogação na Publicação  
Pontifícia Universidade Católica do Paraná  
Sistema Integrado de Bibliotecas – SIBI/PUCPR  
Biblioteca Central

---

A168      Ação evangelizadora marista na educação superior / Fabiano Incerti, John  
2017      McMahon, Marcial Maçaneiro, Rogério Renato Mateucci; tradução: Carla  
Fabiana Barcaro. – Curitiba : PUCPRESS, 2017.

88 p. : il. ; 21 cm

ISBN 978-85-68324-75-2

1. Universidades e faculdades católicas. 2. Evangelização. 3. Irmãos  
Maristas. I. Incerti, Fabiano. II. McMahon, John. III. Maçaneiro, Marcial. IV.  
Mateucci, Rogério Renato.

CDD 20. ed. – 378.071

---

# Sumário

## **Apresentação** | 5

Ir. Carlos Alberto Rojas C.

### **I. Horizontes inspiradores**

Evangelização | 11

*Ex corde Ecclesiae*: documento de referência | 19

“A alegria do evangelho” em contextos Maristas de Educação Superior | 23

Pastoral na universidade | 27

“Universidade em pastoral” | 29

Jeito Marista de fazer pastoral em Instituições de Educação Superior | 30

### **II. Os Caminhos da Ação Pastoral Marista na Universidade**

Introdução | 35

Diálogo com o mundo contemporâneo | 36

Sensibilidade e amizade | 40

Universidade: espaço para acolher os jovens | 43

Universidade, pastoral e promoção humana | 45

Pastoral na universidade: a defesa e afirmação da dignidade humana | 48

Educação Superior e as necessidades da sociedade | 49

Universidades, Centros e Instituições: lugares de encontro | 51

Escolhas | 54

### **III. Urgências e perspectivas: algumas opções pedagógico-pastorais**

Para a ação evangelizadora nas Instituições Maristas de Educação Superior | 61

Do jeito de Maria | 63

Os grupos: fraternidade e partilha de vida | 66

Acompanhamento | 72

Formação de professores e colaboradores | 74

Diálogo entre fé e razão | 77

Conclusão | 79

## **Referências** | 81



# Apresentação

A celebração dos 200 anos de fundação de nosso Instituto é uma ocasião excepcional para que venha à luz este documento sobre *A Ação Evangelizadora Marista na Educação Superior*.

Da mesma maneira como há dois séculos, Marcelino Champagnat e seus primeiros irmãos contemplaram e responderam aos clamores da juventude necessitada da França pós-revolucionária do século XVIII, as atuais gerações Maristas estão convidadas a sair ao encontro das urgências do mundo jovem em seu contexto e a ser anúncio da Boa Notícia e do projeto sonhado por Deus desde sempre.

Isto posto, nós encontramos nas páginas que se seguem um texto guia que oferece, à luz do Evangelho e do magistério recente do Papa Francisco, algumas das principais chaves do que deve ser a ação evangelizadora Marista em suas instituições de Educação Superior frente aos próximos tempos.

*A Ação Evangelizadora Marista na Educação Superior* (2017), é fruto do trabalho da Rede Internacional Marista de Instituições de Educação Superior e complemento ao documento *Missão Marista na Educação Superior* (2010). Neste sentido, vale a pena considerar estes dois textos como realizações de uma Rede que, fundada em 2004 e por meio de

seus sete encontros bienais sustentados em diferentes partes do mundo, chega a contar com duas ferramentas de alto valor a fim de fortalecer sua caminhada e animar sua gestão de esforços evangelizadores em comum.

Do meu serviço atual, frente ao Secretariado da Missão do Instituto e depois de visitar e conversar com muitos irmãos e leigos que trabalham em diferentes Universidades Maristas do mundo, gostaria de enfatizar o fato de que a presença evangelizadora Marista no segmento de Educação Superior está sendo uma descoberta relativamente recente, todavia precisa e audaz, da validade e da importância do acompanhamento do carisma educativo Marista em um dos momentos-chave da construção do projeto de vida e da tomada de decisão dos jovens de hoje.

Da mesma forma, acredito que este documento servirá não só para refletir e fortalecer a caminhada da Rede Internacional Marista de Instituições de Educação Superior, mas também motivar e incentivar a presença Marista no mundo acadêmico, para encontrar lá uma inspiração do Espírito para ir ao encontro da realidade e inculturar o Evangelho frente às necessidades urgentes da juventude atual.

Precisamente, o Papa Francisco enfatiza como “os jovens, marcados por mudanças culturais, econômicas e de comunicação, vivem em cidades, ambientes educacionais e centros comunitários, mas não encontram na estrutura da sociedade respostas às suas preocupações, necessidades e problemas” (*Evangelii gaudium*, n. 73, n. 105).

Daí a ação evangelizadora Marista na Educação Superior abrange toda a sua validade, importância e identifica com a perspectiva de que “todos somos chamados a esta nova ‘saída’ missionária. Cada cristão e cada comunidade há-de discernir qual é o caminho que o Senhor lhe pede, mas todos somos convidados a aceitar esta chamada: sair da própria comodidade e ter a coragem de alcançar todas as periferias que precisam da luz do Evangelho” (*Evangelii gaudium*, n. 20).

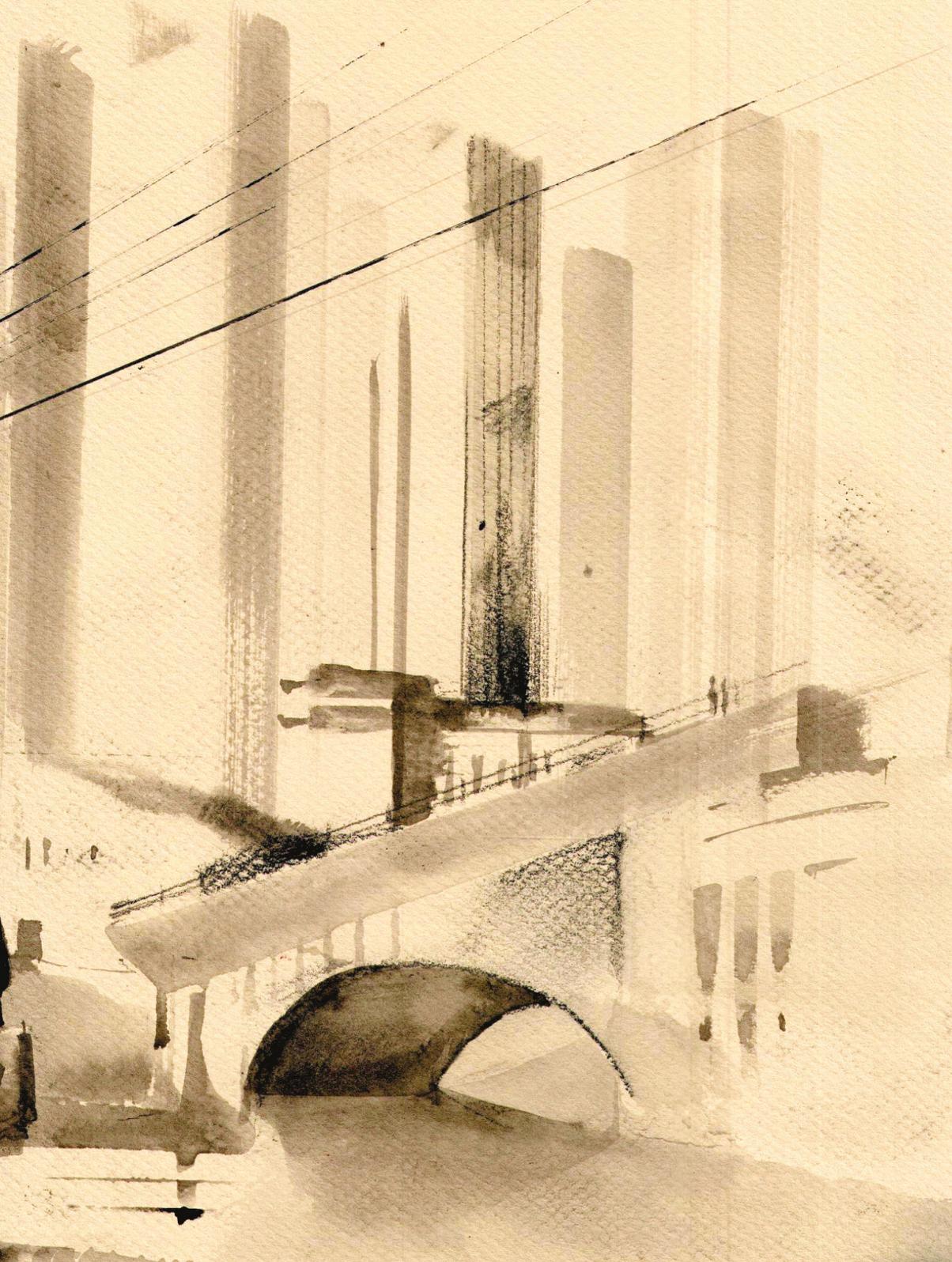
No entanto, para nós, os Maristas, em particular, nossa ação com jovens no ensino superior envolverá “escutá-los, estar presente em seus próprios contextos, significará recebê-los, amá-los com suas próprias peculiaridades, exercitando com eles novas linguagens e encontros” (*Comissão Internacional da Pastoral Juvenil Marista, Evangelizadores entre os Jovens, n.º 114*). E, como também indica este outro documento Marista, aprenderemos a “evangelizar os jovens convivendo com eles e encorajando-os a poderem evangelizar outros jovens” (*Comissão Internacional da Pastoral Juvenil Marista, Evangelizadores entre os Jovens, n. 124*).

Gostaria de felicitar a Rede Internacional Marista de Instituições de Educação Superior por esta nova conquista e, em particular, expressar minha gratidão aos autores, os Irmãos Rogério Renato Mateucci e John McMahan, o Pe. Marcial Maçaneiro, o Sr. Fabiano Incerti e a excelente equipe pastoral da Pontifícia Universidade Católica do Paraná, que com sua generosa dedicação nos permite contar com este texto. Gostaria também de agradecer a Alex Villas Boas e José André de Azevedo por sua revisão teológica, bem como o atual Conselho de Administração da Rede Internacional Marista de Instituições de Educação Superior, por apoiar a publicação e distribuição deste texto.

Como todos os documentos inspiradores, cabe a você, amável leitor, passar por suas páginas e, se necessário, levar seus desafios à vida. Que nossa Boa Mãe Maria nos acompanhe neste novo começo do nosso carisma, diante do seu terceiro centenário e abençoe aqueles que optam por contribuir com “uma pastoral universitária que acompanhe a vida e o caminhar de todos os membros da comunidade universitária, promovendo um encontro pessoal e comprometido com Jesus Cristo e múltiplas iniciativas solidárias e missionárias” (*Missão Marista na Educação Superior, n. 21*).

Roma, 6 de junho de 2017, dia da celebração dos 200 anos de fundação do Instituto.

**Ir. Carlos Alberto Rojas C.**  
Secretariado de Missão  
Diretor





# Capítulo I

## Horizontes inspiradores

### Evangelização

1. O termo grego *euangelion* – literalmente *boa nova*, *boa notícia* – foi apropriado pelas primeiras comunidades cristãs e pelos evangelistas de tal modo que se tornou o conceito genérico para a mensagem anunciada por Cristo. Evangelização, portanto, pode ser traduzida como um conjunto de valores, relações e ações que compreendem e anunciam o Reino de Deus como sendo as “Boas Novas” para pessoas e sociedades de acordo com o mandato Daqule que ressuscitou: “Ide, portanto, e fazei que todas as nações se tornem discípulos, batizando-as em nome do Pai, do Filho, e do Espírito Santo e ensinando-as a observar tudo quanto vos ordenei. E eis que eu estou convosco todos os dias, até a consumação dos séculos” (Mt 28,19-20). Neste sentido, a evangelização coincide com um itinerário mistagógico, no qual ocorre a identificação da pessoa como modo de ser dos cristãos, seguidores de Jesus Cristo.
2. Com a oficialização da religião cristã e o surgimento da Cristandade, ocorre um reducionismo no processo de evangelização, de modo que aquele que nasce em um território oficialmente cristão não mais precisa fazer uma experiência pessoal

para ser reconhecido como cristão. A busca pela verdade é reduzida ao dogmatismo, ou imposição de ideias; também a experiência do rito é reduzida a um ritualismo, e o alargamento da consciência ética é reduzido a um moralismo, enquanto imposição de costumes, coagidos por um legalismo. A experiência de encontro com Jesus Cristo é limitada a um pequeno grupo de pessoas que desejam alcançá-la.

3. O termo *evangelização* é recuperado pelo Concílio Vaticano II (1962-1965) na perspectiva do anúncio da misericórdia de Deus no mundo e do diálogo com a cultura, a fim de reconhecer os sinais da presença do Reino de Deus no mundo.
4. No espírito pós-conciliar, a Exortação Apostólica *Evangelii nuntiandi*, de Paulo VI, confirma várias iniciativas pós-conciliares de diálogo com o mundo e de autocompreensão da própria Igreja com relação à sua missão. Na referida Exortação, o Bispo de Roma afirma: “Nascida da missão, pois, a Igreja é por sua vez enviada por Jesus, a Igreja fica no mundo quando o Senhor da glória volta para o Pai. Ela fica aí como um sinal, a um tempo opaco e luminoso, de uma nova presença de Jesus, sacramento da sua partida e da sua permanência, Ela prolonga-o e continua-o. Ora, é exatamente toda a sua missão e a sua condição de evangelizado, antes de mais nada, que ela é chamada a continuar”<sup>1</sup>.
5. Com o Papado de João Paulo II aparece o termo *Nova Evangelização* na tentativa de desenvolver uma evangelização com ardor renovado, com métodos e expressões direcionadas pelo Espírito Santo, para que todos nós tenhamos vida em Cristo<sup>2</sup>. Esse ardor renovado refere-se à apresentação da beleza dos fundamentos do cristianismo, sua motivação, sua ética básica e seus valores espirituais, a fim de

<sup>1</sup> Paulo VI. *Evangelii Nuntiandi*, n. 15.

<sup>2</sup> João Paulo II. *Discurso de abertura da conferência de Santo Domingo*, n. 6.

recuperar a experiência de encontro com a pessoa de Jesus Cristo. No que toca aos métodos e expressões, João Paulo II incentivou o uso dos Meios de Comunicação de Massa e o que ele chamou de *fenomenologia católica* para reforçar a compreensão tradicional dos séculos XIV-XIX da moral católica com ênfase na lei natural, ponto de bastante atrito com a cultura contemporânea e mesmo nos âmbitos internos da Igreja.

6. O Papado de Bento XVI vincula ao termo *evangelização* a busca da verdade e a vivência das virtudes teológicas, dando ênfase na verdade da caridade. Dois elementos de destaque em seu papado se vislumbram: reabilitar o diálogo da Igreja com as diversas instâncias internas e externas, bem como reconhecer a contribuição da Igreja latino-americana de que a opção pelos pobres é uma opção de Jesus Cristo: “a opção preferencial pelos pobres está implícita na fé cristológica naquele Deus que se fez pobre por nós, para enriquecer-nos com a sua pobreza”<sup>3</sup>. Também se preferiu falar em seu pontificado de “moral revelada”, mais próximo à teologia moral do Vaticano II: “Para chegar a se falar de ‘moral revelada’, é preciso livrar-nos de algumas pré-compreensões correntes. Enquanto se reduzir a moral a um código de comportamento individual e coletivo, a um conjunto de virtudes a praticar ou também aos imperativos de uma lei natural considerada universal, não se pode perceber suficientemente toda a especificidade, a bondade e a atualidade permanente da moral bíblica”<sup>4</sup>. Já em Bento XVI se anunciava a superação de uma recepção do termo evangelização ainda marcada com tons de Cristandade: “Não resistiria aos embates do tempo uma fé católica reduzida a uma bagagem, a um elenco de algumas normas e de proi-

<sup>3</sup> Discurso Inaugural de Bento XVI a V Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano e do Caribe, *Documento de Aparecida*, 2007.

<sup>4</sup> Pontifícia Comissão Bíblica. *Bíblia e Moral. Raízes Bíblicas do Agir Cristão*, 2008, n. 4.

bições, a práticas de devoção fragmentada, a adesões seletivas e parciais das verdades da fé, a uma participação ocasional em alguns sacramentos, à repetição de princípios doutrinários, a moralismos brandos ou crispados que não convertem a vida dos batizados”. Nossa maior ameaça é o medíocre pragmatismo da vida cotidiana da Igreja, no qual, aparentemente, tudo procede com normalidade, mas na verdade a fé vai se desgastando e degenerando em mesquinhez<sup>5</sup>.

7. No Papado de Francisco há uma preocupação fundamental com a evangelização, de modo específico em superar os reducionismos da recepção das dificuldades de interpretação pós-conciliares. A Exortação Apostólica *Evangelii gaudium* (2013) faz uma clara alusão à *Evangelii nuntiandi*, retomando a ideia de que “evangelizar é tornar o Reino de Deus presente no mundo”<sup>6</sup>, propondo uma “Igreja em Saída”, uma Igreja que não seja marcada pela autorreferencialidade, confundindo evangelização com autopromoção eclesial, uma Igreja da Misericórdia, que seja samaritana e símbolo de um “hospital de campanha”, acolhendo a todos para curar as feridas com o bálsamo da misericórdia e uma Igreja que seja pobre para os pobres, sendo presença atuante, chamada sempre a conservar renovando junto aos desafios das fronteiras. A comunidade eclesial, portanto, deve ter ouvidos atentos para a Palavra de Deus e discernir os “sinais dos tempos”, bem como seus desdobramentos na vida e nas ações das pessoas em relação a outros indivíduos e comunidades. A evangelização deve ser traduzida em novas abordagens, em diálogos e pronunciamentos a culturas e sociedades, com diretrizes e pedagogias adequadas para cada contexto. As novas expressões sinalizam as diferentes linguagens da fé, com suas várias for-

<sup>5</sup> Joseph Ratzinger apud DOCUMENTO DE APARECIDA, n. 12.

<sup>6</sup> Francisco. *Evangelii gaudium*, n. 176.

mas de comunicação, transmissão, diferentes interlocutores e meios de comunicação. Mas são estereis se a compreensão de evangelização coincidir com formas de proselitismo sofisticado, que no fundo reduzem evangelizar a mera adesão institucional.

8. Faz-se necessário, para o discernimento da caridade, uma pedagogia da presença nas fronteiras, nos velhos e novos *areópagos*<sup>7</sup>: localizações, instituições e conhecimentos e seus assuntos, com os quais o Evangelho e nossas ações evangelizadoras possam se unir na formação de uma “nova humanidade” como expressão do Reino de Deus. Incluímos aqui iniciativas de Solidariedade, Justiça e Paz<sup>8</sup>, Ciência e Artes, Instituições de Educação Superior e Mídia, Bioética e Ecologia – a Cidade e o Campo, Comprometimento Ecumênico e Diálogos Inter-religiosos, entre outros<sup>9</sup>. Tudo isso configura a *Evangelização* de uma Igreja em saída, que convoca todos os cristãos a serem “discípulos missionários”<sup>10</sup>, providos não apenas de instrumentos pastorais, mas com alegria e fé, caridade e esperança<sup>11</sup>, para ser presença que ajuda a discernir os sinais do Reino e, ao mesmo tempo, se renova em seu ardor.
9. A evangelização, portanto, baseia-se em experiências e aprendizagens prazerosas que temos em nossas comunidades, nos posicionando diante de novos cenários. Uma “conversão pastoral”<sup>12</sup> de uma postura de superioridade para uma postura de acolhida, de uma posição de juiz para uma posição de companheira, de uma moral normativa para uma postura de paciência e misericórdia, da timidez à ousadia, não meramente retórica, mas como presença lúcida e serena no discernimento da caridade, do simples pronunciamento ao diálogo, de receitas prontas à criatividade, de atitudes reativas

<sup>7</sup> João Paulo II. *Novo millennio ineunte*, n. 51 e 55; Conselho Pontifício da Cultura. Para uma pastoral da cultura, n. 11-18.

<sup>8</sup> Pontifício Conselho “Justiça e Paz”. *Compêndio da doutrina social da igreja*, Capítulo IV (os princípios da doutrina social da igreja) e XI (a promoção da paz), p. 99-125 (n. 160-208) e 273-290 (n. 488-520), respectivamente.

<sup>9</sup> João Paulo II. *Novo millennio ineunte*, Parte IV; V Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano e do Caribe. *Documento de Aparecida*, n. 491-500; Francisco. *Evangelii gaudium*, n. 132-134, n. 242-257.

<sup>10</sup> Francisco. *Evangelii gaudium*, n. 119.

<sup>11</sup> Francisco. *Evangelii gaudium*, n. 1-14.

<sup>12</sup> Francisco. *Evangelii gaudium*, n. 25-26.

a atitudes proativas, do pessimismo à esperança, das particularidades à comunhão, do cômodo intimismo ao lançar-se aos desafios do Reino de Deus<sup>13</sup>.

10. É possível identificar cinco grandes aspectos da perspectiva de “evangelização” de Francisco: 1) Um novo jeito de evangelizar marcado por uma Igreja em saída, que não pensa em si como centro da ação evangelizadora, e uma Igreja da Misericórdia que acolhe a todos; 2) Uma Igreja aberta aos debates da sociedade, sabendo respeitar as diferenças internas e externas; 3) Uma nova maneira de pensar os problemas morais, levando a questão da consciência à categoria moral mais importante, e o acompanhamento acolhedor que sabe respeitar o tempo de cada um; 4) Colocar os problemas ambientais como categoria universal e comum a todos; 5) Reformar as estruturas de comando, para que sejam cada vez mais transparentes e participativas.
11. A “saída missionária” e a “conversão pastoral” nos são propostas pela Igreja como uma atitude de ousadia (*parrhesia*), que qualifica nossa identidade de “discípulos missionários” nos diferentes espaços e relacionamentos em que nos encontramos. Mesmo assim, essa atitude não resulta apenas de nossas habilidades e formação, mas flui da ação motivadora do Espírito Santo, que renova em nosso Ser a graça do Pentecostes<sup>14</sup>. Tal atitude relaciona-se à “evangelização com o Espírito”<sup>15</sup> que recepciona o mundo atual, fundado em um novo vigor de uma tradição carismática. Eis aqui, portanto, a tradição carismática que nos define como Maristas: o ideal, a pedagogia e a espiritualidade de Marcelino Champagnat e seus primeiros Irmãos cujas virtudes e zelo apostólico são exemplos admiráveis de

<sup>13</sup> Francisco. *Evangelii gaudium*, n. 27-33.

<sup>14</sup> João Paulo II. *Redemptoris missio*, n. 24-25; Francisco. *Evangelii gaudium*, n. 262-283.

<sup>15</sup> Francisco. *Evangelii gaudium*, n. 261.

ousadia missionária, sobretudo entre os jovens e os pobres<sup>16</sup>. A vida de muitos Irmãos, desde os primeiros trabalhos em nossas províncias, distritos e comunidades, confirma a produtividade de nosso carisma missionário, numa abertura constante ao Espírito Santo e aos sinais deste tempo presente.

12. Um exemplo perfeito dessa ousadia e felicidade, em especial para nós e nossas comunidades, é Maria, a primeira discípula do Evangelho, mulher consciente de que é o Todo-poderoso quem faz grandes coisas por nós (cf. Lc 1,49) e nos possibilita experimentar sua misericórdia de geração em geração (cf. Lc 1,50). Da mesma forma, nós queremos responder mais uma vez com as palavras da Boa Mãe: “Eu sou a serva do Senhor; faça-se em mim segundo tua palavra” (Lc 1,38). Foi com essa mesma atitude leal e audaciosa que Maria esteve presente em Belém e em Nazaré, no Calvário e no Cenáculo, como uma discípula missionária ao lado de Jesus e da igreja primitiva (cf. Lc 1,51-52; Jo 19,25-27; At 1,12-14).
13. Não é por acaso que Nazaré tem sido uma referência para nosso Instituto<sup>17</sup>. Certamente a fraternidade, a vida laboriosa e a educação integral vivida por Jesus com Maria e José tornam Nazaré um paradigma inspirador para nossa missão. Do paradigma de Nazaré coletamos os traços mais fortes de nossa pedagogia, os quais inspiram nossas ações evangelizadoras na mídia e nas instituições de Educação Superior: pedagogia Marial, primazia da caridade, formação integral, espírito de família, presença significativa, simplicidade, amor ao trabalho, praticidade e inovação<sup>18</sup>. Compreendemos esses aspectos pedagógicos como veículos de evangelização, pois eles se referem ao nosso carisma e, em última análise, ao próprio Evangelho. Para nós, Maristas atuantes nas Insti-

<sup>16</sup> Rede Mundial de Instituições Maristas de Educação Superior. *Missão Marista na Educação Superior*, n. 23-25.

<sup>17</sup> Instituto dos Irmãos Maristas. *Constituições e estatutos*, n. 6, n. 30, n. 40, n. 84.

<sup>18</sup> Rede Mundial de Instituições Maristas de Educação Superior. *Missão Marista na Educação Superior*, n. 32-39.

tuições de Educação Superior, evangelização com o Espírito significa fazer de nossos contextos e relacionamentos uma nova Nazaré.

14. Nesse sentido, o Instituto Marista participa de forma carismática (como sujeitos e instituições Maristas) na “missão global da Igreja, fiel ao projeto de Cristo, empenha-se incansavelmente na promoção do Reino de Deus, tornando-se presente entre as pessoas e as culturas de maneira significativa”<sup>19</sup>. A partir daí, podemos entender “pastoral” como diferentes formas de concretizar a evangelização à luz da Palavra de Deus, em diálogo com as ciências e em comunhão com a Igreja, de forma orgânica, sistemática, progressiva, estudantil, avaliada e duradoura, e em diversas frentes<sup>20</sup>.
15. Assim, *evangelização* refere-se ao Evangelho, com seus valores, suas relações e ações, para a promoção do Reino de Deus (elementos paradigmáticos e hipodigmáticos, no sentido de diálogo entre paradigmas culturais distintos, gerando interculturalidade) ao passo que *pastoral* se refere aos caminhos necessários à efetivação da evangelização, com projetos, itinerários e métodos devidamente adequados aos sujeitos e aos contextos de atuação (elementos programáticos). De forma geral, aproximamos os elementos paradigmáticos de programas nos quais discorremos sobre *apostolado*, *missão* e/ou ação *evangelizadora*. Dessa forma, traduzimos os conteúdos do Evangelho em agendas pastorais, com ações realizadas ao longo do ano, as quais são conduzidas por agentes capacitados (professores e estudantes, religiosos e leigos) em locais, horários e estilos diversos. Em várias de nossas Instituições de Educação Superior, a evangelização é estudantil, universal e educacional. É nosso intuito priorizar a

<sup>19</sup> União Marista do Brasil. *Diretrizes da ação evangelizadora para o Brasil Marista*, n. 5.

<sup>20</sup> Cf. União Marista do Brasil. *Diretrizes da ação evangelizadora para o Brasil Marista*, n. 6.

qualidade com vistas a uma evangelização que faça sentido a nossos estudantes e aos contextos em que atuamos, mantendo sempre em mente a melhoria constante de nossos métodos.

### **Ex Corde Ecclesiae: documento de referência**

16. A partir do Concílio Vaticano II, as Instituições de Educação Superior (Universidades, Centros, Institutos) têm sido mais e mais valorizadas como campos de evangelização. Nesses ambientes educacionais, a diversidade de conhecimento e a diversidade de sujeitos trazem não apenas dificuldades e tensões, mas também oportunidades e diálogos promissores para a evangelização. Diante dos muitos desafios advindos da Educação Superior, somos instigados a renovar nossas motivações e métodos, estando sempre prontos a dar razão da nossa esperança a todo aquele que nos pede (cf. 1Pd 3,15).
17. Na verdade, os contextos de Educação Superior nos tornam homens e mulheres de fronteiras, que atuam entre tradição e inovação, entre as Ciências Humanas e a tecnologia, no enclave de diferentes gerações de pessoas e conhecimento. É com tal dinamismo que promovemos o diálogo entre fé e razão, em busca de uma *síntese de sentido* que responda aos mais profundos questionamentos humanos e que promova sociedades mais justas e pacíficas. Sabemos que a Educação Superior não esgota essa demanda, mas é, na verdade, um *locus* peculiar e estratégico para tal necessidade dentro de um curso mais amplo que é a vida social e cultural das pessoas. Eis aí a importância dos Centros, especialmente em ambientes urbanos, os quais são

- destacados no Concílio Vaticano II, no Magistério geral da Igreja<sup>21</sup> e especialmente na Constituição Apostólica *Ex Corde Ecclesiae*.
18. Tal Constituição Apostólica nos remete aos três chamados da Educação Superior Católica: “Racionar com rigor, para agir com retidão e para servir melhor a sociedade humana”<sup>22</sup>. Estes operam nos programas de ensino, pesquisa e extensão<sup>23</sup>. Sendo que tudo isso acontece à luz da revelação cristã — a partir da comunicação histórico-salvífica do *Logos* de Deus em Jesus Cristo — que caracteriza os princípios, a conduta e os propósitos da Instituição.
  19. Como em outras universidades, as Instituições Católicas de Educação Superior normalmente gozam de autonomia institucional, liberdade acadêmica e liderança própria<sup>24</sup>. O caráter cristão-católico acrescenta a *gaudium de veritate*, sobre a qual Santo Agostinho discorreu: “A alegria de procurar a verdade, de descobri-la e de comunicá-la, em todos os campos do conhecimento”<sup>25</sup>. Nessa perspectiva, podemos nomear duas atitudes fundamentais: a investigação perseverante da verdade e a alegria do conhecimento, antemão de sua fonte — ou seja, do *Logos* divino que é comunicado à inteligência humana<sup>26</sup>. Assim, no conteúdo e em sua investigação, duas ordens de verdade se aproximam — como duas asas —, elevando nossa humanidade à grandeza da Sabedoria de Deus: razão e fé<sup>27</sup>.
  20. Esta *síntese de sentido e conhecimento entre fé e razão* não se refere a uma fórmula, nem é privilégio de um método, mas realiza-se em uma dinâmica, dialógica e de maneira hermenêutica: nos diferentes itinerários e ritmos da experiência humana, que atravessam caminhos, na Educação Superior, de aprendizagem (dinamismo), através do diálogo en-

<sup>21</sup> João Paulo II. *Fides et ratio*; Pontifício Conselho da Cultura. *Para uma pastoral da cultura*, n. 29-31.

<sup>22</sup> João Paulo II. *Ex corde ecclesiae*, n. 2.

<sup>23</sup> João Paulo II. *Ex corde ecclesiae*, n. 31.

<sup>24</sup> João Paulo II. *Ex corde ecclesiae*, n. 12.

<sup>25</sup> João Paulo II. *Ex corde ecclesiae*, n. 1.

<sup>26</sup> João Paulo II. *Ex corde ecclesiae*, n. 4.

<sup>27</sup> João Paulo II. *Fides et ratio*, n. 1.

tre os sujeitos, culturas e conhecimentos, com uma abordagem interdisciplinar (dialogicidade); com a interpretação e comunicação dos princípios, valores e significados fundamentais que constroem a humanidade (hermenêutica)<sup>28</sup>.

21. É a partir desta sempre almejada síntese de sentido e conhecimento, que derivamos alguns traços distintivos dos Institutos Superiores católicos, tais como: 1) a valorização da Ética e das Ciências Humanas; 2) o diálogo geral entre o pensamento cristão e as ciências modernas; 3) a promoção da justiça e da paz por meio de práticas de inclusão, o aprofundamento e aplicação da Doutrina Social da Igreja; 4) o diálogo com outras áreas e centros de conhecimento; 5) o diálogo cultural entre povos e credos; 6) a afirmação do humanismo integral que inclui as dimensões sociais da evangelização *ad intra* (programa pastoral institucional) e *ad extra* (formação, aconselhamento e projetos de extensão com comunidades eclesiais)<sup>29</sup>.
22. O documento *Missão Marista na Educação Superior* aponta para a mesma direção: “Na formação para a cidadania; na humanização da produção, socialização e gestão do conhecimento; nos processos de inclusão social nos benefícios do progresso humano; na formação para o trabalho; no desenvolvimento integral da pessoa; na criação de um quadro referencial de valores.”, o qual é criado a partir do “sentido cristão do desenvolvimento humano sustentável e integral”<sup>30</sup>, acrescentando ainda que “a principal tarefa da educação superior católica, portanto, é *iluminar a busca da verdade pela experiência da fé*, deixando clara a complementariedade entre as certezas da inteligência e as convicções do coração, sabendo que a Verdade é sempre maior que

<sup>28</sup> João Paulo II. *Ex corde ecclesiae*, n. 13-18.

<sup>29</sup> João Paulo II. *Ex corde ecclesiae*, n. 31-37 e n. 43-49.

<sup>30</sup> Rede Mundial de Instituições Maristas de Educação Superior. *Missão Marista na Educação Superior*, n. 3-4.

as proposições que dela fazemos, sendo a busca de *per si*, motivo de diálogo e cooperação e nunca motivo de discórdia ou intolerância teórica ou prática. Eis a sabedoria da advertência de que ‘fé sem razão pode levar a mitos e superstições’, e ‘razão sem fé não contempla a radicalidade do indivíduo’. A luz da fé não se coloca *fora* da investigação racional, como que a limitá-la ou impedi-la, mas *acima* dela, como sua elevação e alargamento de horizontes”<sup>31</sup>.

23. Num sentido mais amplo, podemos dizer que este conjunto de princípios, atitudes e práticas já vem caracterizando a Instituição de Educação Superior no sentido evangélico, pois ele está totalmente imbuído de valores cristãos. Com essa identidade e características operacionais, assumida pelos educadores e supervisores, podemos dizer que um processo de evangelização<sup>32</sup> já se encontra em vigor em nossa Instituição. A questão que se coloca diante do avanço na evangelização, em sentido estrito, é a de não desvalorizar o viés cristão já assimilado pela Instituição e seus sujeitos, mas reconhecê-lo e otimizá-lo com *ações evangelizadoras* no conjunto de instâncias e atividades do Centro, Instituto ou Universidade. Tais ações poderiam ser orquestradas por uma coordenação, por um setor ou programa estritamente pastoral, que poderia ser identificado como a *Pastoral Universitária* ou nomeado por um título semelhante, de acordo com a necessidade particular da instituição em questão.
24. A partir dessa perspectiva, “A pastoral universitária é aquela atividade da Universidade que oferece aos membros da própria Comunidade a ocasião de coordenar o estudo acadêmico e as atividades para-acadêmicas com os princípios religiosos e morais, *integrando assim a vida com a fé*. Ela concretiza a

<sup>31</sup> Rede Mundial de Instituições Maristas de Educação Superior. *Missão Marista na Educação Superior*, n. 18 (referindo-se a *Fides et ratio*, n. 48; João Paulo II. *Discurso aos participantes do Congresso das Universidades Católicas*, 1989, n. 20; *Ex corde ecclesiae*, n. 15, 32, 33).

<sup>32</sup> João Paulo II. *Ex corde ecclesiae*, n. 49.

missão da Igreja na Universidade e faz parte integrante da sua atividade e da sua estrutura”<sup>33</sup>.

### **“A Alegria do Evangelho” em contextos Maristas de Educação Superior.**

25. Como já frisado, na Exortação Apostólica *Evangelii gaudium*, Papa Francisco reverbera alguns dos documentos mencionados anteriormente, tais como *Evangelii nuntiandi* (Paulo VI) e *Fides et ratio* (João Paulo II), e o faz com ênfase e visão voltadas para a evangelização na Educação Superior. Nesse sentido, o Papa está atento e esperançoso. O tema pode ser observado nos parágrafos sobre cultura urbana (n. 71-75), juventude (n. 105-107), diversidade cultural (n. 116-117), diversidade linguística para comunicar a fé cristã (n. 129), o papel da beleza e da arte na evangelização (n. 169), bem como nos parágrafos sobre diálogo ecumênico, inter-religioso e social (n. 244-257). Ainda que implicitamente, o viés desses parágrafos engloba os contextos das Universidades, dos Centros e dos Institutos de Educação Superior. Observamos que, de forma mais direta, a evangelização na Educação Superior é mencionada nos parágrafos sobre cultura e educação (n. 132-134) e no diálogo entre fé, razão e ciências (n. 242). É interessante perceber também a forma como os *jovens* são mencionados pelo Papa nesses contextos.
26. Marcados por mudanças culturais, econômicas e de comunicação, os jovens frequentam cidades, ambientes educacionais e centros comunitários. Entretanto, eles nem sempre encontram na estrutura da sociedade respostas para suas preocupa-

<sup>33</sup> João Paulo II. *Ex corde ecclesiae*, n. 38.

ções, necessidades e problemas<sup>34</sup>. Por um lado, “a nós, adultos, custa-nos a ouvi-los com paciência, compreender as suas preocupações ou as suas reivindicações, e aprender a falar-lhes na linguagem que eles entendem. Pela mesma razão, as propostas educacionais não produzem os frutos esperados”<sup>35</sup>. Por outro lado, a proliferação e o crescimento de iniciativas voltadas para a juventude “podem ser interpretados como uma ação do Espírito que abre caminhos novos em sintonia com as suas expectativas e a busca de espiritualidade profunda e de um sentido mais concreto de pertença”<sup>36</sup>.

27. “Embora nem sempre seja fácil abordar os jovens, houve crescimento em dois aspectos: a consciência de que toda a comunidade os evangeliza e educa, e a urgência de que eles tenham um protagonismo maior. Deve-se reconhecer que, no atual contexto de crise do compromisso e dos laços comunitários, são muitos os jovens que se solidarizam contra os males do mundo, aderindo a várias formas de militância e voluntariado. Alguns participam na vida da Igreja, integram grupos de serviço e diferentes iniciativas missionárias nas suas próprias dioceses ou noutros lugares. Como é bom que os jovens sejam ‘caminheiros da fé’, felizes por levarem Jesus Cristo a cada esquina, a cada praça, a cada canto da terra!”<sup>37</sup>.
28. Os jovens são os que expressam a maior pluralidade de culturas, relações interpessoais e uso da comunicação moderna. Como educadores e evangelizadores, discernimos nesta variedade de manifestações não só um questionamento do que estamos acostumados a fazer e das certezas que já tínhamos, mas as oportunidades do Espírito que

<sup>34</sup> Francisco. *Evangelii gaudium*, n. 73, n. 105.

<sup>35</sup> Francisco. *Evangelii gaudium*, n. 105.

<sup>36</sup> Francisco. *Evangelii gaudium*, n. 105.

<sup>37</sup> Francisco. *Evangelii gaudium*, n. 106.

engendra novidades, ilumina a nosso discernimento e nos motiva a novos aprendizados pastorais<sup>38</sup>. Afinal de contas, não confundimos “evangelização” com uma forma cultural específica, mas compreendemos a diversidade que existe entre os jovens, como um mosaico. Nesse sentido, evangelizar jovens implica em ouvi-los, em estar com eles, significa acolhê-los, amando-os em suas peculiaridades, exercitando com eles novas linguagens e encontros. Aprende-se a evangelizar os jovens convivendo com eles e incentivando-os a serem capazes de evangelizar outros jovens<sup>39</sup>.

29. A evangelização da juventude inclui veementemente o “encontro fraterno”, o “diálogo pessoal”, a partilha de “suas alegrias, suas esperanças [...] com uma atitude humilde e testemunhal de quem sempre sabe aprender”<sup>40</sup>. Expressões de sermão, catequese, retiros e celebrações com jovens demandam que articulemos *mensagens com diálogos* que favoreçam encontros interpessoais significantes<sup>41</sup>. Muito antes dos conteúdos e ferramentas sofisticadas, nós somos os primeiros mediadores para a ação de graça no ambiente educacional, enquanto porta-vozes do evangelho. Isso inclui nossas competências culturais, comunicativas e educacionais, mas requer também que recebamos e compartilhemos nosso *carisma* peculiar. Afinal de contas, o carisma não constitui “um patrimônio fechado, entregue a um grupo para que o guarde; mas são presentes do Espírito integrados no corpo eclesial, atraídos para o centro que é Cristo, donde são canalizados num impulso evangelizador”<sup>42</sup>. A juventude pede que transformemos nosso carisma em uma dinâmica que possa ser transformada “em dinamismo evangelizador”<sup>43</sup> — como foi o que aconteceu com

<sup>38</sup> Francisco. *Evangelii gaudium*, n. 116-117, n. 129.

<sup>39</sup> Comissão Internacional da Pastoral Juvenil Marista. *Evangelizadores entre os Jovens*, n. 114, n. 124.

<sup>40</sup> Francisco. *Evangelii gaudium*, n. 128.

<sup>41</sup> Francisco. *Evangelii gaudium*, n. 129, n. 136, n. 142.

<sup>42</sup> Francisco. *Evangelii gaudium*, n. 130.

<sup>43</sup> Francisco. *Evangelii gaudium*, n. 131.

Marcelino e com os primeiros irmãos, leigos e colaboradores.

30. A evangelização de jovens encontra um lugar específico em Universidades, Centros e Institutos de Educação Superior, onde estabelecemos um diálogo entre a fé, a razão e as ciências. O Papa nos alerta para os perigos de uma apologética sem diálogo, que gera nos corações uma indisposição em relação à fé. Ao contrário disso, ele sugere um encontro produtivo entre a fé e as ciências: “Quando algumas categorias da razão e das ciências são acolhidas no anúncio da mensagem, elas se tornam instrumentos de evangelização; é água transformada em vinho. É aquilo que, uma vez assumido, não só é redimido, mas torna-se instrumento do Espírito para iluminar e renovar o mundo”<sup>44</sup>.
31. “As universidades são um âmbito privilegiado para pensar e desenvolver este compromisso de evangelização de modo interdisciplinar e inclusivo. As escolas católicas, que sempre procuram conjugar a tarefa educacional com o anúncio explícito do Evangelho, constituem uma contribuição muito válida para a evangelização da cultura, mesmo em países e cidades onde uma situação adversa nos incentiva a usar a nossa criatividade para encontrar os caminhos adequados”<sup>45</sup>. É nosso dever, portanto, articular momentos oportunos para ajudar a pessoa a uma experiência pessoal com Deus, momentos em que se sente a própria fragilidade, ou momentos em que reconhece o Mistério por detrás do mistério da vida, ou ainda outros nos quais é possível iniciar um percurso em direção ao reconhecimento da experiência de Deus como experiência de sentido e nessa condição dilatadora de tudo o que já faz sentido e esclarecedora da própria caminhada.

<sup>44</sup> Francisco. *Evangelii gaudium*, n. 132.

<sup>45</sup> Francisco. *Evangelii gaudium*, n. 134.

32. Sendo *interdisciplinar*, a ação evangelizadora na Educação Superior constrói pontes “entre a fé, a razão e as ciências”<sup>46</sup>. Sendo *inclusiva*, essa mesma ação ocorre no encontro e na colaboração recíproca dos sujeitos (professores e estudantes) em programas pastorais adequados; estes podem ser avaliados e efetivados pelos próprios sujeitos neles envolvidos, de forma colegiada e coordenada<sup>47</sup>. Certamente, um programa pastoral adequado — interdisciplinar e inclusivo — será capaz de renovar a mensagem explícita do Evangelho e, ao mesmo tempo, oferecer uma contribuição para o diálogo ecumênico, inter-religioso e social nos ambientes educacionais<sup>48</sup>.

### *Pastoral na Universidade*

33. Como mencionado anteriormente, “a pastoral universitária é aquela atividade da universidade que oferece, aos membros da própria comunidade, a ocasião de coordenar o estudo acadêmico e as atividades para-acadêmicas, com princípios religiosos e morais, *integrando, assim, a vida com a fé*. Ela concretiza a missão da Igreja na universidade e faz parte integrante da sua atividade e da sua estrutura”<sup>49</sup>.
34. Esse ministério não pode ser reduzido em eventos ocasionais, mas é o resultado de um programa de ação adequado que é orgânico, inclusivo e interdisciplinar. Por um lado, a ação evangelizadora está integrada no conjunto que constitui a vida acadêmica (organicidade), ela envolve professores, estudantes e colaboradores, religiosos e leigos, movidos por uma coordenação, um setor ou time (inclusão), com atividades que são abertas aos diferentes protagonistas

<sup>46</sup> Francisco. *Evangelii gaudium*, n. 242.

<sup>47</sup> Francisco. *Evangelii gaudium*, n. 134.

<sup>48</sup> Francisco. *Evangelii gaudium*, n. 244-257.

<sup>49</sup> João Paulo II. *Ex corde ecclesiae*, n. 38.

- da educação e nas ciências, nas diferentes áreas do conhecimento (interdisciplinaridade).
35. A experiência mostra uma variedade de estilos, com erros e acertos ao longo dos anos. É importante aprender com a experiência, de forma proativa e alerta aos sinais dos tempos. Desse modo nós podemos desfrutar e avaliar quanto já temos feito, envolvendo nossos agentes e experimentando com métodos e linguagens que são atuais nos dias de hoje. É importante caminharmos juntos, em uma ação coordenada, aperfeiçoando a pastoral no modelo de ação orgânica, sistêmica, progressiva, colegial, com ações duradouras e avaliadas, dentro de cada agenda específica. Isso pode ser feito passo a passo, como podemos verificar nas várias realizações de nossas Universidades, Centros e Institutos.
  36. A Pastoral Universitária é uma ação específica do ambiente educacional, que não acontece de uma forma fechada ou unilateral, mas de forma aberta em relação à Igreja e à sociedade local. Desse modo, podemos promover uma ação evangelizadora *orgânica*, por estar presente de forma transversal na totalidade da comunidade acadêmica, com agendas de atividades que são interessantes para os diversos ciclos e espaços na Educação Superior.
  37. De modo geral, a Pastoral Universitária aperfeiçoa as práticas de catequese, pregação, liturgia e espiritualidade consolidadas e disponibilizadas no ambiente educacional aos professores e estudantes. Além disso, ela é geralmente avaliada e se renova de forma criativa, com semanas temáticas, ciclos de formação, retiros para os diferentes grupos dentro da comunidade acadêmica, com parcerias internas e externas e com a utilização das novas tecnologias de comunicação. Tudo isso sem deixar de fora a lin-

guagem e os recursos estéticos aplicados ao pastoral, como música, teatro, oficinas de arte, lançamento de livros e diálogo com autores e artistas. Na verdade, os contextos de evangelização nos encorajam “usar a nossa criatividade para se encontrar os caminhos adequados”<sup>50</sup>.

38. É possível constatar como a pastoral em ambientes de Educação Superior requerem cuidado e investimento: “A presença da Igreja na universidade e na cultura universitária, com as iniciativas concretas capazes de tornar esta presença eficiente, exigem um discernimento exigente e um esforço sem cessar renovado para promover uma nova cultura cristã nutrida com as melhores aquisições em todos os campos da atividade universitária”. Isso requer uma equipe composta de “presbíteros, religiosos e leigos bem formados”<sup>51</sup>.

### A “Universidade em Pastoral”

39. A pastoral na Universidade não está restrita a programas definidos, nem é da exclusiva responsabilidade de seu coordenador, setores ou equipes, mas ela se desenvolve de forma ampla e transparente dentro da comunidade acadêmica, estabelecendo o que é chamado em alguns locais como uma *Pastoral Universitária*.
40. Isso ocorre de várias formas: 1) na assimilação de valores e critérios evangélicos pelas pessoas que trabalham na instituição; 2) na incidência desses valores e critérios na educação e administração; 3) na sensibilidade em relação a assuntos relacionados à justiça social, à paz, à ecologia e aos bens comuns (geralmente tematizados pela pastoral

<sup>50</sup> Francisco. *Evangelii gaudium*, n. 134.

<sup>51</sup> Pontifício Conselho da Cultura. *Para uma pastoral da cultura*, n. 29.

universitária); 4) no reconhecimento dos gestores e educadores acerca do carisma marista (mesmo que as pessoas professem outra fé); 5) na disposição em dialogar e cooperar com outras áreas; e 6) na inclusão formal das atividades pastorais no organograma ou calendário da Instituição.

41. Há casos em que o próprio conceito de “universidade em pastoral”, proposto para incentivar a reflexão no seio da comunidade acadêmica, promove uma revisão de práticas pastorais à luz de uma evangelização orgânica, progressista e inclusiva. Uma forma de isso ocorrer é a realização de avaliações pastorais bem específicas e pontuais, aquelas que envolvam agentes de evangelização, estudantes, educadores, gestores e colaboradores no debate. Nós sentimos que a proposta para uma nova evangelização, à luz dos documentos da Igreja e os recentes textos maristas, seja um incentivo para essas avaliações.

### *Um jeito Marista de evangelizar em Instituições de Educação Superior*

42. “As alegrias e as esperanças, as tristezas e as angústias dos homens de hoje, sobretudo dos pobres e de todos aqueles que sofrem, são também as alegrias e as esperanças, as tristezas e as angústias dos discípulos de Cristo; e não há realidade alguma verdadeiramente humana que não encontre eco no seu coração. Porque a sua comunidade é formada por homens, que, reunidos em Cristo, são guiados pelo Espírito Santo na sua peregrinação em demanda do reino do Pai, e receberam a mensagem da salvação para a comunicar a todos. Por este motivo, a

- Igreja sente-se real e intimamente ligada ao gênero humano e à sua história”<sup>52</sup>.
43. Esta disposição marca a perspectiva missionária inaugurada pelo Concílio Vaticano II. É fortemente presente em outros documentos e programas pastorais: a solidariedade, especialmente aos pobres; a promoção da vida humana; a inclusão em uma comunidade de fé; abertura à graça do Espírito; a centralidade em Jesus para sermos cristãos e agirmos de acordo; o acolhimento e a comunicação do Evangelho para a diversidade de indivíduos e culturas etc. As dimensões universais dessa perspectiva requerem a participação de todos em nossas Instituições de Educação Superior: estudantes, educadores, gestores e colaboradores.
44. Obviamente cada um responderá à sua própria maneira, mas todos estão convidados a participar, inspirados por valores eclesiais e carismáticos que impulsionam a Missão Marista na Educação Superior, com duplo foco: “Um objetivo, que diz respeito ao diálogo da fé com a ciência; outro subjetivo, que se refere à evangelização das pessoas”<sup>53</sup>.
45. Uma vez mais o *paradigma de Nazaré* serve de inspiração e critério prático: o ensino mariano, a primazia da caridade, a formação integral, o espírito de família, a presença significativa, a simplicidade, o amor ao trabalho, o espírito prático e inovador<sup>54</sup>. Como maristas, queremos compartilhar com toda a comunidade acadêmica o tesouro que é o carisma, tornando a própria comunidade objetiva e subjetivamente proveitosa para a identidade e missão institucional, para as pessoas que compartilham conosco a vocação educacional no estilo de Marcelino Champagnat.

<sup>52</sup> Concílio Vaticano II. *Gaudium et spes*, n. 1.

<sup>53</sup> Rede Mundial de Instituições Maristas de Educação Superior. *Missão Marista na Educação Superior*, n. 21, citando: Congregação de Educação Católica e outros. *Presença da Igreja na Universidade e na Cultura universitária*, 1994, n. 17.

<sup>54</sup> Rede Mundial de Instituições Maristas de Educação Superior. *Missão Marista na Educação Superior*, n. 32-39.

- 55** Rede Mundial de Instituições Maristas de Educação Superior. *Missão Marista na Educação Superior*, n.23 (citando Mt 16,3 e *Constituição e Estatutos* FMS, n. 164).
- 56** Rede Mundial de Instituições Maristas de Educação Superior. *Missão Marista na Educação Superior*, n. 21.
- 57** Rede Mundial de Instituições Maristas de Educação Superior. *Missão Marista na Educação Superior*, n. 30 (citando o discurso proferido pelo Ir. Seán Sammon, *Tornar Jesus Cristo conhecido e amado: a vida apostólica marista hoje*).
- 58** Rede Mundial de Instituições Maristas de Educação Superior. *Missão Marista na Educação Superior*, n. 30.
- 59** Comissão Internacional da Pastoral Juvenil Marista. *Evangelizados entre os Jovens*, n. 110-115.
- 60** Francisco. *Evangelii gaudium*, n. 25-26; Rede Mundial de Instituições Maristas de Educação Superior. *Missão Marista na Educação Superior* n. 23.
46. Padre Champagnat “foi um homem sensível e atento às situações concretas de seu tempo. Seu ideal e sua vocação não partiam de uma simples idealização do Evangelho, mas de uma vontade profunda de vivê-lo nas condições históricas em que se inseria [...] Os seguidores do sonho do Fundador precisam, como ele, estar ‘atentos aos sinais dos tempos’, certos de que ‘nosso Instituto, dom Espírito Santo à Igreja, é para o mundo uma graça sempre atual’”<sup>55</sup>.
47. Desta maneira, a pastoral na educação superior não é mero serviço de apoio, mas a atividade pela qual a Instituição declara, de modo explícito, sua identidade. Propicia à comunidade acadêmica oportunidades de participação em celebrações, momentos de reflexão, cursos, retiros e encontros de formação. Para tanto, é preciso “uma pastoral universitária que acompanhe a vida e o caminhar de todos os membros da comunidade universitária, promovendo um encontro pessoal e comprometido com Jesus Cristo e múltiplas iniciativas solidárias e missionárias”<sup>56</sup>.
48. “[...] inspiramo-nos em Champagnat para quem o núcleo da vida apostólica é ‘tornar Jesus Cristo conhecido e amado’ e a educação constitui ‘lugar privilegiado de evangelização e promoção humana’”<sup>57</sup>. Somos chamados a ser “presença evangélica” nos relacionamentos e atividades dentro da Educação Superior<sup>58</sup>, no diálogo com as pessoas (em especial as jovens<sup>59</sup>), e em associação com os leigos e em comunhão com a Igreja, em uma disposição fiel e ousada em direção a uma conversão e saída missionária<sup>60</sup>.





# Capítulo II

## Os Caminhos da Ação Pastoral Marista na Universidade

### Introdução

49. Como Instituição Marista de Educação Superior, somos chamados a refletir constantemente sobre nossas ações, pois atualizar para a nossa realidade de Educação Superior o carisma de Champagnat requer atenção às dimensões de nossa identidade. O documento *Missão Marista na Educação Superior* alerta: os seguidores do sonho de Champagnat devem ser, assim como ele, atentos aos “sinais dos tempos”, certos de que “nosso Instituto, dom do Espírito Santo à Igreja, é para o mundo uma graça sempre atual”<sup>61</sup>.
50. O objetivo deste capítulo é discutir alguns elementos que orientam o trabalho pastoral em ambientes de Educação Superior (Universidades, Centros e Institutos) a partir de uma perspectiva claramente Marista. Considerando a diversidade de indivíduos e culturas, tomamos alguns textos do Evangelho como ponto de partida, para inspirar e/ou apoiar nosso trabalho de evangelização nas diversas realidades em que nos encontramos. Assim, indicamos nove elementos de “inculturação”<sup>62</sup> que, iluminados pelos textos bíblicos, podem ajudar a desenvolver ainda mais nossas opções educacionais e pastorais.

<sup>61</sup> Rede Mundial de Instituições Maristas de Educação Superior. *Missão Marista na Educação Superior*, n. 23.

<sup>62</sup> Este termo vem a significar “um conjunto de componentes interdependentes (que pode ser interpretado como os principais conceitos, lugares, temas ou dimensões). Nós acreditamos que os elementos de inculturação promovem um diálogo entre princípios e valores do Evangelho nas culturas contemporâneas ao passo que apoia um processo de evangelização contextualizado historicamente” (Diretrizes da Ação Evangelizadora para o Brasil Marista, 2011, p. 45).

## Diálogo com o mundo contemporâneo<sup>63</sup>

<sup>63</sup> O conceito de contemporâneo apresentado no texto está em conformidade com a visão de Agamben, ou seja, contemporâneo é “perceber a luz na escuridão do presente, que procura chegar até nós e não consegue. Por isso que o contemporâneo é tão raro. E, por conta disso, ser contemporâneo é uma questão de coragem acima de qualquer coisa: significa ser capaz não apenas de manter o nosso olhar fixo na escuridão do tempo, mas também de perceber naquela escuridão uma luz direcionada a nós, mas que se distancia infinitamente de nós” (AGAMBEN, 2009, p. 65).

51. O mundo contemporâneo convida as Instituições Maristas de Educação Superior a estabelecerem um diálogo contínuo com a sociedade, para que permaneçam sendo um espaço relevante, capazes de atender às demandas sociais de hoje. O desenvolvimento tecnológico e a globalização são fatores que impactam negativa e/ou positivamente a sociedade. Se por um lado esses fatores contribuem para a volatilidade e efemeridade para que assim atinjam todos os campos do conhecimento, especialmente as relações humanas (perspectiva negativa); por outro, favorecem vínculos e intercâmbios com tecnologias que permitem contatos rápidos e a diversidade de territórios (perspectiva positiva). Atualmente, crenças e tradições, bem como instituições que as pregam (mesmo as que tentam ser flexíveis) são questionadas. Essa situação abre possibilidades para revisões e melhoramentos de conhecimentos tradicionais. Assim, os Centros Universitários e Institutos de Educação Superior são pontos em que a tradição e a inovação se cruzam entre conceitos clássicos e novas filosofias de conhecimento, em diálogo com a juventude. Tudo é diversificado em milhares de conexões, perdendo-se ou estabelecendo-se em uma velocidade incrível. Por isso, o desconforto sentido na Educação Superior face aos desafios recentes em termos de valores e métodos. Portanto, nossas Universidades, Centros e Institutos são chamados a prosseguir o diálogo com o mundo contemporâneo.
52. Neste contexto, o diálogo entre o jovem Jesus e os Doutores da Lei, no Templo, pode servir de luz para o estabelecimento necessário de diálogo entre a

sociedade e a Educação Superior (cf. Lc 2,41-50). O evento mostra um importante momento na vida de um israelense: a passagem à maturidade, quando a criança atinge 12 anos de idade. Nessa ocasião, ainda adolescente, Jesus foi capaz de participar plenamente na vida da comunidade. Um dos sinais dessa nova condição era sua introdução à leitura da Torá, o texto normativo do povo hebreu.

53. O evangelista Lucas começa o relato dizendo como Jesus foi separado de Maria, José e suas caravanas de homens e mulheres vindo e indo à Jerusalém. Depois de um dia inteiro de viagem, o casal percebeu a ausência do jovem que havia ficado em Jerusalém. Depois de três dias, o acharam no Templo. O texto sugere um aspecto importante no diálogo entre Instituições de Ensino e sociedade: a relação com a família e cuidado neste momento delicado de ruptura, que é o início da maturidade. A cena do encontro é cheia de surpresas: Maria e José encontram Jesus “sentado em meio aos doutores, ouvindo-os e interrogando-os” (Lc 2,46). Jesus está sentado com a mesma atitude daqueles que ensinam<sup>64</sup>. Ele escuta, questiona e responde, comunicando-se e interpretando. Maria e José estão tão boquiabertos quanto os mestres e doutores, pois o que eles veem não é normal: geralmente os anciãos falam e ensinam, os jovens apenas ouvem e aprendem. Mas a cena com Jesus sugere outros aspectos e até mesmo mudanças no relacionamento pedagógico de diálogo entre pessoas de diferentes gerações. Jesus não só conheceria a Torá, mas ainda aprenderia outra interpretação dela, diferente da hermenêutica legalista do sul, ligado ao Templo, mas uma compreensão de um Deus que estava para além das leis, uma presença que susten-

<sup>64</sup> Essa é uma referência ao hábito de sentar-se ao ensinar, tão costumeiro aos anciãos. Na arte bizantina, Cristo também é retratado sentado, entronizado no centro como o *Pantocrator* (Onipotente), numa atitude de escuta atenta, de docência, examinando e ponderando, em sua dupla natureza, divina e humana.

- tava a fé do povo sofrido, animava a comunidade com o sentido de justiça, solidariedade e gratidão e, assim, crescia em santidade e sabedoria.
54. O diálogo pressupõe a autonomia das partes: eles ouvem e falam, eles leem e interpretam, de forma dinâmica. Isso acontece em um movimento de perguntas e respostas, em concordância com o *modus operandi* da cultura semita. Na cena descrita no livro de Lucas, Jesus fala com autoridade própria, propondo perguntas para os pregadores, quer fossem eles Maria, José ou mestres e líderes religiosos. A pergunta feita por sua mãe (“Meu filho, por que agiste assim conosco?”, vide Lc 2,48) é respondida com uma outra pergunta (“Não sabíeis que devo estar na casa de meu Pai?”, vide Lc 2,49).
55. Embora Lucas não diga quais temas Jesus estava debatendo com os mestres, a cena demonstra Jesus como o juiz da hermenêutica e da escatologia, indicando sua interpretação redentora da Lei e dos Profetas sob o signo da graça e da misericórdia (cf. Lc 4,17-21; 5,17-25; 5,29-32; 6,6-11). As bem-aventuranças e o imperativo da misericórdia narrada em Lucas 6,20-38 derivam precisamente de uma interpretação inclusiva e redentora das Escrituras feitas por Jesus, que se opõem à posição excludente e julgadora dos grupos sectários israelenses. Assim, Lucas liga a missão de Jesus a dois de seus ambientes de aprendizagem da sua juventude: o Templo (Lc 2,46-47) e Nazaré (Lc 2,51-52), isto é, a religião e a família, espaços de educação integral. Mais tarde, Jesus é rejeitado, perseguido e morto por causa de sua atitude compassiva, inclusiva e profética, e por conta de seu desejo de permitir que outros tenham voz e participação no diálogo, sendo aceitos em suas condições vitais (cf. Lc 20,9-19; 22,1-6).

56. Com efeito, longe de ser indiferente e fácil, o diálogo compromete e paralisa: nós ensinamos como escutamos e ouvimos como aprendemos, em uma troca constante. Essa dimensão supõe a virtude da serenidade para reconhecer o conflito como parte da condição humana e ajudarmos uns aos outros nos momentos de dificuldades, para alcançar a lucidez necessária e promover uma dinâmica de reconciliação dos mesmos conflitos. Isso pode ser aplicado para relações humanas em geral e também tem um significado especial nas atividades pastorais em ambientes de Educação Superior, pois a evangelização não se limita à proclamação, mas “implica também um caminho de diálogo”<sup>65</sup>.
57. Desde suas origens, as Instituições de Educação Superior têm sido um espaço privilegiado de uma reflexão sistemática sobre as teorias que circulam no espaço social. Por vocação, a Universidade é, portanto, um lugar de criação, desenvolvimento e consolidação de conhecimentos, não apenas por meio de suas formulações, mas também por meio dos valores e benefícios que isso engloba. Esse ambiente de desenvolvimento do conhecimento só tem aumentado seu próprio valor em relação ao seu contexto histórico e se torna hoje ainda de maior relevância devido aos problemas sociais e soluções que pode oferecer.
58. Para os estudantes, o conhecimento é consolidado em um processo gradual e sistemático. O tempo de permanência em uma Instituição de Educação Superior é determinado por estágios que nos permitem observar que os estudantes superaram estágios anteriores. De modo mais amplo, esta é a dinâmica da vida e, especialmente, da condição juvenil. O jovem se abre para o mundo e o enxerga com entu-

<sup>65</sup> Francisco. *Evangelii gaudium*, n. 238.

siasmo, aprendendo mais e mais a cada dia, a partir de suas experiências, e segue em frente. Portanto, a Educação Superior deve proporcionar aos estudantes oportunidades para refletir sobre suas ações.

59. Ao passo que o jovem passa pela Educação Superior, não somente se torna mais capaz de exercer uma profissão e agir com competência na sociedade, mas também cresce em autonomia, de modo a ser capaz de dar continuidade ao seu aprimoramento científico, investigando a evolução da educação em geral. Aqui, o texto bíblico que nos guia é esclarecedor. Lucas conclui seu relato sobre os anos da adolescência na vida de Jesus dizendo: “E Jesus crescia em sabedoria, em estatura e em graça” (Lc 2,52). Existe neste versículo três dimensões: “sabedoria” refere-se à capacidade de julgar, escolher, decidir; “idade” refere-se ao crescimento físico e mental, dimensões essas para as quais as Instituições de Educação Superior devem proporcionar oportunidades adequadas; e “graça” refere-se à abertura do indivíduo à transcendência. Uma educação integral é o caminho mais certo para o desenvolvimento e para a liderança desses jovens, e essa visão, inspirada no Evangelho, constitui a missão para as Instituições Maristas de Educação Superior<sup>66</sup>.

### *Sensibilidade e amizade*

60. Cada pessoa enfrenta situações de ambiguidade em sua vida, que são próprias da condição humana. Por outro lado, a vida é um processo de desenvolvimento e integração que inclui e alivia conflitos. Ao longo dos anos, assimilamos valores, melhoramos nosso senso crítico e estabelecemos laços re-

<sup>66</sup> Rede Mundial de Instituições Maristas de Educação Superior. Missão Marista na Educação Superior, n.4.

lacionais. É assim que o ser humano vai agregando sentido à vida, não se fechando em si mesmo ou em relação aos outros, mas por meio da construção constante de laços relacionais, na interação contínua entre individualidade e alteridade. É por isso que o período entre a infância e a maturidade é uma representação de nossa abertura aos outros, no qual encontramos a capacidade de compromisso e de agir com amor.

61. Em outra passagem de Lucas, encontramos Jesus em uma visita à casa de Lázaro, Marta e Maria (Lc 10,38-42). O nível de intimidade descrito no texto sugere que esta não foi a primeira visita, mas uma entre muitas: Jesus está entre amigos (Jo 11,5). O evangelista concentra-se nas duas mulheres, com quem Jesus estabelece um diálogo que não deve ser lido superficialmente. Jesus está sendo atendido por Maria, enquanto Marta corre atrás de afazeres domésticos. As irmãs, de certa forma, representam duas dimensões presentes em toda casa e que podem ser aplicadas também a ambientes de Educação Superior: o trabalho duro e sério na busca da excelência e a aceitação dos outros de uma maneira carinhosa ou que representa a abertura à comunidade. Marta, que está ocupada com a limpeza da casa, exemplifica a primeira dimensão; Maria, sentada aos pés de Jesus, a segunda.
62. Mas se ambas são partes constitutivas da “casa” (ambientes de aprendizagem), por que será que Jesus repreendeu Marta? Ele alertou-a: “Marta, Marta, tu te inquietas demais e te agitas por muitas coisas; no entanto, pouca coisa é necessária, até mesmo uma só. Maria, com efeito, escolheu a melhor parte, que não lhe será tirada” (Lc 10,41-42). Maria escolheu estar com o mestre, ouvir suas pa-

lavras, se envolver totalmente nessa relação, isto é, escolheu a melhor parte nessas atividades; a única necessária, de um ponto de vista totalmente humano. Na verdade, a luta pela competência em todas as áreas não pode tirar o foco fundamental: a humanidade. Com esse foco, todas as outras tarefas são reordenadas, incluindo a organização da “casa”: os nossos espaços de convívio, lugares de interação e, por último, todo o planeta (*oikos*) confiado a nosso cuidado e pesquisa (*logos*). Portanto, o conhecimento é validado na sua relação com as pessoas, com a comunidade humana em geral e seus habitats.

63. O foco na pessoa revela a prioridade de cada técnica e cada ciência: a vida antes da produção, o ser antes do fazer. Desse modo, o Educação Superior tem o potencial de promover o conhecimento com os valores e tecnologias destinadas a objetivos humanísticos, um processo que envolve a pessoa de forma integral: sua sensibilidade e seus relacionamentos, suas habilidades e suas especialidades. Assim como, a amizade entre Jesus, Marta e Maria — e também o irmão dessas mulheres, Lázaro — amadurece progressivamente — da “casa” (Lc 10,38) para a “cidade” (Jo 11,18) — o mesmo pode ocorrer com as relações em nossos ambientes educacionais e vocacionais. É nos espaços e oportunidades das nossas Instituições de Educação Superior que podemos reforçar as experiências de “casa” (a comunhão, a amizade, a união) e “cidade” (solidariedade, inclusão social, desenvolvimento humano) inspiradas no Evangelho, em nossos professores, estudantes e colaboradores, sobretudo nas experiências dos jovens.

64. Assim, o jovem se constrói no encontro com o outro, com relacionamentos consolidados em uma perspectiva afetiva, formativa e social. A ajuda mútua e o espírito coletivo incentivado nas nossas Universidades, Institutos e Centros são essenciais para a consolidação das relações fraternas que podem se tornar amizades e expandir projetos futuros. Agir de forma significativa, inspirada no Evangelho e através de uma agenda de iniciativas pastorais, pode ser um bom caminho para nossa evangelização.

### *Universidade: um espaço para acolher os jovens*

65. O Evangelho de João narra o encontro entre Jesus e um cego (cf. Jo 9). O centro da história é um homem, que nasceu cego, que se tornou mendigo, separado da sociedade, e considerado incapaz de qualquer coisa. De certa forma, essa é a maneira como o mundo vê o jovem. Jesus o encontra e propõe mudanças: tocando seus olhos e, em seguida, mandando lavá-los em um espaço público. Naquele momento Jesus desaparece de cena e fica por conta “daquele que agora vê” defender sua nova condição. Todo mundo sabia de sua cegueira, de sua vida de mendigo, mas tiveram dificuldades em aceitar a mudança e reconhecer que ele tinha agora recuperado sua autonomia e seu direito de participar nas decisões da comunidade. Todos o rejeitaram: os vizinhos, os fariseus, seus pais, ninguém acreditou nele. O ápice dessa rejeição é a sua expulsão da sinagoga (cf. Jo 9,34). No final da história, Jesus aparece e o convida para ser seu discípulo: “Crês no Filho do Homem?”, “Creio, Senhor” (Jo 9,35:38).

66. As Instituições de Educação Superior são lugares de acolhida, que permitem o crescimento pessoal e favorecem o desenvolvimento do potencial de cada pessoa. Essas Instituições são como o coração de Jesus: ao mesmo tempo capaz de tocar os olhos (criando proximidade) e de enviar as pessoas a lavarem seus próprios olhos (incentivando a autonomia).
67. A juventude é uma fase de descobertas, em que o jovem se abre ousadamente ao mundo para viver o presente e construir seu futuro. Seguindo o exemplo de Jesus, a Universidade pode ser um espaço ideal para acomodar os jovens e ajudá-los no discernimento de suas vocações. Portanto, cuidar é acolher, é chamar para dentro, é incluir o diferente, mesmo quando ele decide continuar sendo diferente, é oferecer proteção e liberdade em seu sentido mais profundo.
68. Como resultado desse encontro significativo consigo mesmo, com outros e com o Senhor, o jovem estudante universitário promove o bem em seu contexto e por vezes até expandindo sua atuação. Ao mesmo tempo em que o jovem se abre para realidades externas, ele se volta para a consolidação de projetos universitários, contribuindo com seus pares e no desenvolvimento da Instituição que o acolheu. Nossa identidade e nossa missão nos leva a receber os jovens universitários como agentes de transformação, enxergando neles principalmente o dom de Deus.

### *Universidade, Pastoral e Promoção Humana*

69. A Universidade Católica é desafiada a cooperar na busca de soluções para os problemas humanos,

com alternativas que ultrapassam a rota econômica. É parte de sua missão formar pessoas justas que sejam profissionais competentes, sensíveis aos graves problemas que assaltam a sociedade e impregná-la com espiritualidade.

70. No contexto atual, em que a tecnologia e a ciência avançam rapidamente, as Instituições Católicas de Educação Superior assumem um papel importante na sociedade, pois são chamadas a incluir em suas práticas preceitos éticos e respeito pela vida. Como aponta a Constituição Apostólica *Ex Corde Ecclesiae*: “As descobertas científicas e tecnológicas, se por um lado comportam um enorme crescimento econômico e industrial, por outro exigem evidentemente a necessária e correspondente procura do *significado*, a fim de garantir que as novas descobertas sejam usadas para o bem autêntico dos indivíduos e da sociedade humana no seu conjunto”<sup>67</sup>. O documento também insiste que “[...] a Universidade Católica é chamada de um modo especial a responder a esta exigência: a sua inspiração cristã consente-lhe incluir a dimensão moral, espiritual e religiosa na sua investigação e avaliar as conquistas da ciência e da técnica na perspectiva da totalidade da pessoa humana”<sup>68</sup>. Por conta de sua origem, como foi enfatizado no documento, sua vocação é mais ampla. Ela é voltada para uma educação global e crítica, capaz de proporcionar um encontro entre a formação profissional de qualidade com qualidade cidadã.
71. Desta forma, os ambientes de Educação Superior não podem ser simplesmente espaços de transmissão de conhecimentos, mas lugares críticos de conhecimento, aonde pode ser discutido e os caminhos da cultura nacional projetados.

<sup>67</sup> João Paulo II. *Ex corde ecclesiae*, n. 7.

<sup>68</sup> João Paulo II. *Ex corde ecclesiae*, n. 7.

A pessoa que gasta seu tempo de estudo em uma Universidade Católica precisa ser reconhecida pela sociedade não apenas como alguém que contribuiu para o desenvolvimento científico e social, mas que também desenvolve uma interpretação crítica dos resultados trazidos por esses modelos econômicos para a sociedade. Assim, inserido no interior dos sistemas sociais, estes profissionais serão capazes de modificá-los em suas raízes, para que eles sejam mais solidários com os mais desfavorecidos e se dediquem à plena realização humana. Sem dúvida, o pleno desenvolvimento humano, a primazia do bem comum e os atos de solidariedade traduzem o Evangelho no campo das Instituições de Educação Superior.

72. Desta forma, podemos interpretar a parábola do bom samaritano (cf. Lc 10,29-37) como referência para a ação evangelizadora em Instituições Maristas de Educação Superior. As atitudes, gestão e disposições do bom samaritano convocam nossa ação pastoral em Instituições Maristas, motivando a formação para a solidariedade. Jesus diz esta parábola a um mestre da Lei que indagou sobre os caminhos que levam à vida, ao que ele respondeu: “Amarás o Senhor teu Deus, de todo o teu coração, de toda a tua alma, com toda a tua força e de todo o teu entendimento; e a teu próximo como a ti mesmo” (Lc 10,27). Não satisfeito, o mestre da Lei quer saber “e quem é meu próximo?” (Lc 10,29). Jesus responde com a parábola, deixando claro que o *próximo* é todo aquele que se escolhe para estar perto, mesmo se ele ou ela está entre os últimos e mais distantes na esfera social. O samaritano (excluído de Israel e considerado herege) se torna próximo do judeu ferido caído ao lado da estrada.

73. Os gestos do samaritano são pedagogicamente apresentados por Lucas como um itinerário de amor eficaz: o samaritano que viu o homem praticamente morto “e moveu-se de compaixão” (Lc 10,33). *Movido* com compaixão, “aproximou-se, cuidou de suas chagas, derramando óleo e vinho, depois colocou-o em seu próprio animal, conduziu-o à hospedaria e dispensou-lhe cuidados” (Lc 10,34). Antes de ir embora, o samaritano tomou alguns cuidados complementares, até que ele retornasse (cf. Lc 10,35). Quando a parábola termina, Jesus diz a todos nós, da mesma maneira que disse ao mestre da Lei: “Vai e também tu faz o mesmo” (Lc 10,37).
74. A ação evangelizadora em contextos de Educação Superior objetiva educar para a solidariedade, inspirada pelos gestos do Samaritano. As dimensões comunitárias, de catequese e de sacramento podem convergir nessa direção, apontando para a caridade efetiva que se traduz em misericórdia. Formas de reflexão e ação, sensíveis aos diferentes tipos de conhecimento no ambiente universitário, estão disponíveis para o benefício do ser humano. O estudo bíblico-catequético e as celebrações podem ocorrer lado a lado com os projetos de extensão e programas de voluntariado, envolvendo professores e estudantes, com foco na valorização humana<sup>69</sup>.

### *Pastoral na Universidade: defesa e afirmação da dignidade humana*

75. Uma Instituição Marista de Educação Superior não busca apenas o melhoramento dos conhecimentos científicos, mas também a sua aplicação para o

<sup>69</sup> Francisco. *Evangelii gaudium*, Cap. IV - “sobre a dimensão social da evangelização”.

bem comum. Neste sentido, a sua preocupação se volta para a dignidade do ser humano e tudo o que pode afetá-la: condições de vida, direitos básicos, cidadania, liberdade religiosa, acesso à educação, justiça, inclusão social etc.

76. Há uma passagem do evangelho de Marcos que narra também o encontro de Jesus com Bartimeu (o homem cego), passagem que nos convida a olhar para o outro e reconhecê-lo como nós mesmos, tirando-o “da beira do caminho”, restaurando sua dignidade humana e inserindo-o na comunidade. “Jesus parou e disse: ‘Chamai-o!’. Então eles chamaram o cego. ‘Coragem!’, eles disseram, ‘Ele te chama. Levante-te!’ [...] Então Jesus disse: ‘Que queres que te faça?’ O homem cego respondeu: ‘*Rabbuni!* Que eu possa ver novamente’. Jesus lhe disse, ‘Vai, tua fé te salvou’. No mesmo instante ele recuperou a vista e o seguia no caminho” (Mc 10,49-51-52-53).
77. O compromisso com a dignidade ocorre tanto em nível global quanto local. Por isso a Universidade contribui para a humanidade nesses dois sentidos. O primeiro é o compromisso local. Ao promover discussões sobre a superação de dificuldades na comunidade em que está inserida, a Universidade coloca seu potencial reflexivo e sua sistemática científica a serviço da população, estimulando também o empenho da academia para esse propósito, criando assim uma cultura de solidariedade vivida por todos os participantes de suas estruturas. A outra contribuição ocorre na esfera global, porque a Universidade é uma Instituição que trabalha em favor da “criatividade e irradiação do saber para o bem da humanidade”<sup>70</sup>.

<sup>70</sup> Rede Mundial de Instituições Maristas de Educação Superior. *Missão Marista na Educação Superior*, n. 26-30.

78. Os supervisores das Universidades Católicas — em todas as áreas e em todos os níveis de ação e gestão — precisam considerar objetivos de viabilidade econômica com aqueles que demonstram níveis de comprometimento na melhoria de vida. Isso pressupõe a inclusão de perspectivas evangélicas em seus critérios de avaliação. Fiéis ao nosso carisma, investimos na Educação Superior Marista com o intuito de levarmos nossos estudantes a uma formação imbuída do espírito de solidariedade, para que assim se tornem dispostos a se comprometerem com a construção de uma sociedade justa, fraterna, igualitária e sustentável<sup>71</sup>.

### *Educação Superior e as necessidades da sociedade*

79. A presença de Instituições Católicas e Maristas de Educação Superior na sociedade atual demonstra a nossa atenção para os contextos que colocam a pessoa humana em situações de vulnerabilidade, especialmente os jovens. A atitude de Maria nas bodas de Caná é um bom exemplo para as nossas iniciativas na Educação Superior porque nos ensina a prestar atenção aos problemas dos outros e de nos antecipar na prática da solidariedade: “Ora, não havia mais vinho, pois o vinho do casamento havia acabado. Então a mãe de Jesus lhe disse: ‘Eles não têm mais vinho’” (Jo 2,3). Esta atitude de enxergar o outro e suas necessidades produz um efeito de transformação com alcance à comunidade: “Todo homem serve primeiro o vinho bom e, quando os convidados já estão embriagados, serve o inferior. Tu guardaste o vinho bom até agora” (Jo 2,10). Com a nossa tradição científica, pedagógica e ética somos

<sup>71</sup> Rede Mundial de Instituições Maristas de Educação Superior. *Missão Marista na Educação Superior*, n. 26-30.

provocados por nossas necessidades sociais a compartilhar nossas reservas com outros especialmente em situações limitadas, oferecendo nosso “bom vinho” tanto em contatos ordinários como extremos. A validação dessa forma de compreender o mundo e suas necessidades é especialmente identificada em uma Instituição Marista, a qual é explicitamente chamada para redirecionar os resultados das suas atividades em prol da comunidade.

80. A passagem do livro de João nos leva a uma outra reflexão. Como sabemos, um traço marcante desse evangelista é a construção de um nível simbólico que permeia todas as narrativas. Portanto, a festa de casamento, a presença de Maria e dos discípulos e o vinho são elementos que alcançam outro nível de significado. A passagem não se relaciona apenas em resolver um problema prático — a falta de vinho em uma festa de casamento —, mas aponta para uma crença fundamental: a atitude inovadora de Jesus e a transformação que ele provoca na vida das pessoas. Isso também é uma tarefa para Universidades, Centros e Instituições de Educação Superior: enxergar as múltiplas dimensões do ser humano e da realidade, agindo de forma proativa e transformadora, seguindo desse modo o exemplo de Maria e de Jesus, os quais resultam em comunhão, participação, crescimento pessoal e social.
81. Nossas Instituições de Educação Superior tendem a ser responsabilmente comprometidas na busca de soluções criativas, marcadas pelos valores do Evangelho. Suas estruturas, nas várias áreas de atuação, precisam estar a serviço das pessoas e de suas necessidades, estejam elas na esfera do ensino, pesquisa ou atividades de extensão. Dessa forma, a Educação Superior Marista contribui para a

sociedade com um projeto de intervenção completo, unindo os apelos que vêm da sua origem com os apelos de seu contexto atual.

### *Universidades, Centros e Instituições: lugares de encontro*

82. As Instituições de Educação Superior, enquanto espaços de expressão individual e de construção coletiva de conhecimento, tornam-se ambientes propícios para o *encontro* consigo mesmo e com o outro, dentro da diversidade de temas e culturas. A identidade Católica e Marista de uma Instituição de Educação Superior contribui para o aumento da outra dimensão desse encontro: o que é feito com o Absoluto e que dá sentido à existência integral de cada pessoa.
83. A perspectiva cristã nos convida a nos abrir para uma dimensão da plenitude da vida, que envolve um encontro com o Absoluto, que já está presente na condição humana. A peregrinação dos *discípulos no caminho de Emaús* revela essa realidade (cf. Lc 24,13-35). Jesus toma a iniciativa e se aproxima dos discípulos, falando-lhes aos seus corações. Ele sara suas memórias de fatos dolorosos relacionados à sua paixão; propõe uma hermenêutica de esperança para o presente e futuro; valoriza e integra-os dialogicamente em uma rota que dê sentido a suas vidas.
84. Podemos certamente inspirar nossas ações evangelizadoras nessa passagem sobre a caminhada para Emaús, pois não reduzimos a pastoral aos conteúdos já formulados ou a ocasiões habituais de celebração. Ela tem a ver com presença, relação, encontro e processo — pessoal e comunitário —, o que favorece a

reinterpretação de seu significado para o presente e para o futuro de sua própria existência, em uma perspectiva cristã<sup>72</sup>. Ao propormos aqui algumas sugestões para a nossa ação evangelizadora, pensamos em Pastoral de uma forma dinâmica e dialógica, centrada na pessoa de Jesus e do seu Evangelho — no exemplo de Maria, a primeira discípula. Os projetos pastorais de Instituições Maristas de Educação Superior devem procurar, no Evangelho e nas fontes de carisma, os elementos que motivam e dão dinamismo ao encontro das pessoas com Deus, num ritmo relevante e apropriado. Com isso em mente, nossas instituições se tornam *areópagos* privilegiados de evangelização<sup>73</sup>: espaços para o encontro de pessoas com Deus, nos quais seja possível comunicar o sentido pascal da vida, gerando mudança interior e motivando atitudes missionárias: “E disseram um ao outro: ‘Não ardia o nosso coração quando ele nos falava pelo caminho, quando nos explicava as Escrituras?’ Naquela mesma hora, levantaram-se e voltaram para Jerusalém” (Lc 24,32-33). Por conta de nosso batismo e do nosso carisma, nós mesmos somos um recurso de graça para esta experiência entre professores, estudantes e colaboradores.

85. Nós priorizamos a formação de relacionamentos com os jovens para que o tempo de estudos universitários seja um passo em direção à autonomia, a qual reorganiza seus vínculos com seus lares, impulsionando-os ao mundo e suas complexidades. Maturidade, neste caso, deriva do desafio de autonomia e de como habilidades, escolhas e relacionamentos são processados, uma vez que cada nova situação contribui para a formação e maturidade pessoal. Mas o conjunto de opções que se abre diante de cada um é amplo e requer discernimento para

<sup>72</sup> Francisco. *Evangelii gaudium*, n. 160-175.

<sup>73</sup> Rede Mundial de Instituições Maristas de Educação Superior. Missão Marista na Educação Superior, n. 30.

que cada um possa descobrir sua própria vocação no mundo e tudo aquilo que é necessário para sua plenitude humana. Nesse sentido, a Universidade se torna um local propício para o autoconhecimento em uma fase da vida em que surgem tantos questionamentos para os jovens, em especial questionamentos sobre suas vocações profissionais. Não se trata aqui de um autoconhecimento isolado, mas daquele que facilite a inserção do jovem em contextos socioculturais complexos.

86. Por isso, as Instituições Maristas de Educação Superior devem proporcionar apoio aos jovens durante estes processos: pessoas, espaços e estruturas devem possibilitar o amadurecimento dos estudantes para que eles sejam capazes de se dedicar a seus projetos de vida com autonomia. Nessa perspectiva, a ação evangelizadora pode ser bem recebida pelo jovem como sendo algo significativo: um caminho que abrange significados, valores e transcendência, marcado pelo encontro consigo mesmo, com Deus e com os outros.
87. No relato de Lucas, a temática do encontro está presente em cada passo dado no caminho de Emaús, com destaque especial para o partir do pão: “Então seus olhos se abriram e o reconheceram” (Lc 24,31). Durante seu retorno para Jerusalém, eles compartilharam entre si e com muita alegria o que haviam experimentado, “os acontecimentos do caminho e como o haviam reconhecido na fração do pão” (Lc 24,35). O estar juntos à mesa, o compartilhar do pão e da vida é uma dinâmica humana e sacramental que deve ser encorajada em nossa ação evangelizadora entre os estudantes universitários, à medida que passam por ciclos de vida que são cheios de questionamentos, incluindo os vocacionais.

88. Ao descobrir sua verdadeira vocação e investir nela, cada sujeito está buscando compreender qual é seu papel no mundo em que vive e para compartilhar o crescimento mútuo com os seus pares. A Universidade — bem como o conjunto de propostas Maristas para a Educação Superior — considera que a interação, ajuda mútua e partilha de valores devem ser buscadas, para que o conhecimento científico e a solidariedade sejam desenvolvidos. Portanto, a dinâmica do encontro tem duas vias: de um lado, cada pessoa é desenvolvida e projetada na direção do crescimento de outra; por outro, o desenvolvimento coletivo impulsiona cada indivíduo em direção a realização do seu projeto pessoal.

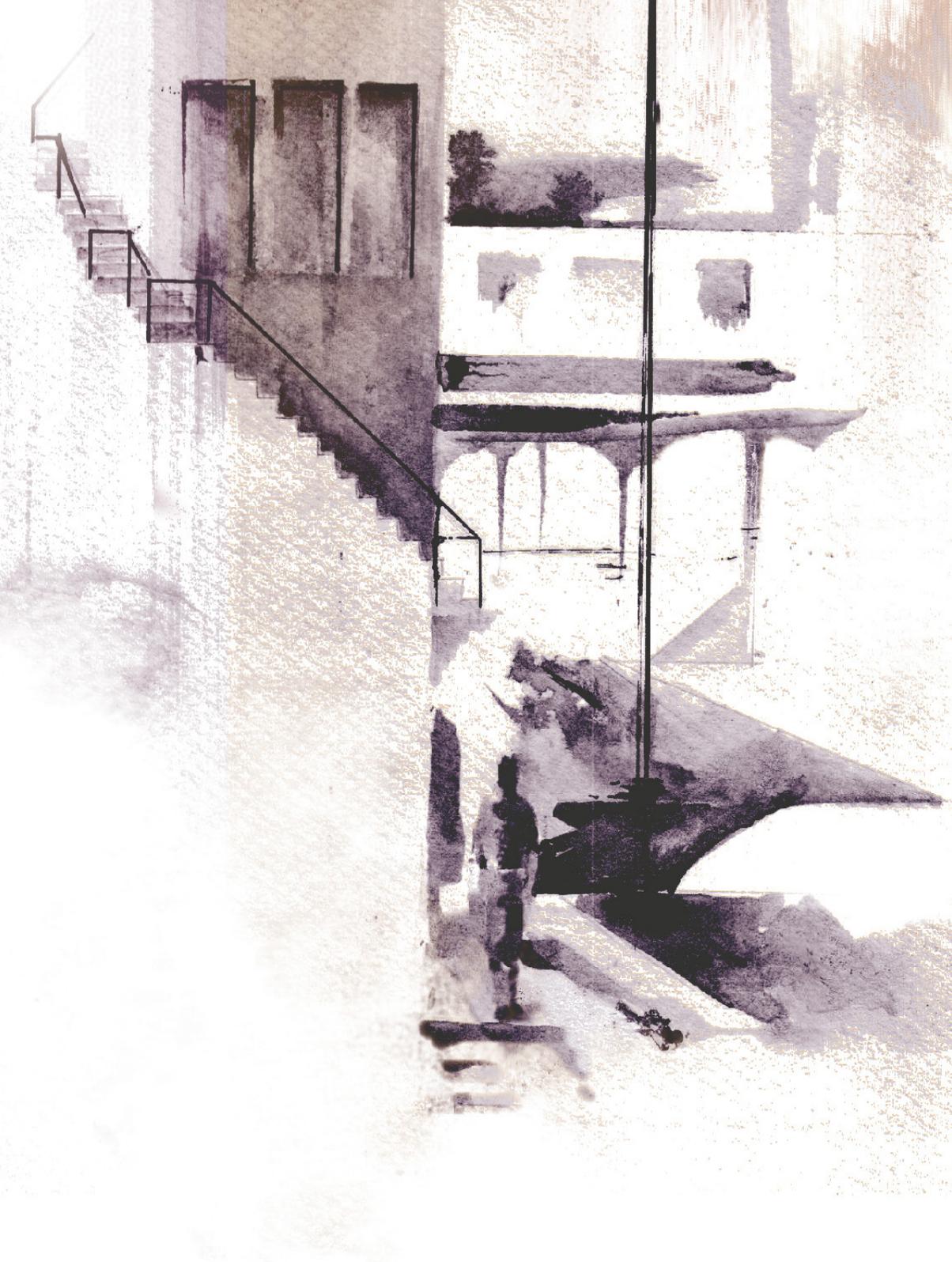
### Escolhas

89. O ato de *escolher* é outra dimensão inerente à condição humana. Passamos a maior parte de nossas vidas tomando decisões que nos impulsionam em direção à realização pessoal. É por isso que precisamos deixar para trás tudo o que nos impede de alcançar nossas metas pessoais. Escolher significa tecer a teia da nossa própria identidade, que é construída pouco a pouco na vida cotidiana. Como o apóstolo Paulo aponta sabiamente, todos nós somos instruídos a abandonar o velho e nos revestir do “Novo” (cf. Ef 4,24). Crescer, então, é um processo que coloca o ser humano em plena comunhão com o Criador, pois esse processo dinamicamente gera em nós “a imagem de Deus” (Gn 1,27).
90. O trecho bíblico que narra o encontro entre Jesus e Pedro mostra o relacionamento com Deus como sendo libertador e capaz de produzir um desejo de

uma auto-realização mais profunda no Ser, além de trazer adiante uma capacidade criativa para a prática do bem. Deus não força ninguém a fazer nada, mas Ele toca corações, sensibiliza e seduz pessoas para que elas sejam Seus artesãos nesta vida, apresentando um caminho viável para a felicidade. O encontro com Jesus extrai o melhor de Pedro. “Vendo isso, Simão Pedro caiu aos pés de Jesus e exclamou: ‘Afasta-te de mim, Senhor, porque sou pecador!’ [...] Mas Jesus disse a Simão: ‘Não tenhas medo! Doravante serás pescador de homens’” (Lc 5,8-10d). Jesus confirma a perspectiva de que existe uma centelha divina em todos nós e que não há limites para os nossos sonhos. Um aspecto significativo deste texto é que esse evento é precedido por Pedro negando ter amizade com Jesus. No entanto, Jesus valoriza as motivações mais do que os fatos; ele preza as opções fundadoras mais do que os gestos isolados.

91. A juventude é um período da vida especialmente marcado por uma intensidade de escolhas, que podem levar à frustração quando elas dão origem ao fracasso. Similar a atitude de Jesus que encoraja Pedro, as Instituições Maristas de Educação Superior ao assumirem o papel fundamental de apoio aos jovens, por meio de suas estruturas e recursos, podem ajudá-los em suas escolhas de vida sem que suas tarefas de formar profissionais para o mercado de trabalho seja reduzida. Mais do que isso, nossos contextos educacionais deveriam ser constituídos como espaços nos quais cada estudante encontre sua vocação, descubra o melhor em si mesmo e se impulsione na construção de uma solidariedade que promova um mundo sustentável e mais justo.
92. A Missão Marista na Educação Superior é engajar-se em uma formação - no sentido da palavra latina *e-du-*

*cere* -, ou seja, extraindo o que os jovens têm dentro deles, quem são, quais são suas verdades, para que consigam alcançar o máximo de seus potenciais, libertando-os de tudo o que se opõe ao que eles são chamados a ser. Assim como o chamado de Jesus que faz com que Pedro seja um “pescador de homens”, é necessário que a Universidade Marista aja de forma a trazer à luz o que há de melhor nos jovens.









# Capítulo III

## *Urgências e perspectivas: algumas opções pedagógico-pastorais*

### *Para a ação evangelizadora nas Instituições Maristas de Educação Superior*

93. A ação evangelizadora nos Institutos Maristas de Educação Superior deve ser orientada por um conjunto de opções pedagógico-pastorais que determinem uma forma particular de ensino, atentando-se para as diferentes linguagens, para as múltiplas realidades e distintos interlocutores. É verdade que a maioria destas pessoas são jovens. No entanto, a democratização do acesso à Educação Superior em todo o mundo tem favorecido a entrada de adultos e até idosos nas Instituições Maristas. Esta nova configuração de comunidade universitária, que certamente apresenta um desafio, torna-se uma oportunidade. Esta realidade é lembrada na *Ex Corde Ecclesiae*: “a Comunidade universitária é animada por um espírito de liberdade e de caridade; é caracterizada pelo respeito recíproco, pelo diálogo sincero, pela defesa dos direitos de cada um”<sup>74</sup>.
94. Uma ação evangelizadora em ambiente universitário exige que os líderes e agentes pastorais preparem um planejamento adequado, sejam focados em estratégias consistentes e implementem projetos e

<sup>74</sup> João Paulo II. *Ex corde ecclesiae*, n. 21

ações que proporcionam aos interlocutores uma profunda experiência de fé pessoal e comunitária. A utilização de metodologias apropriadas não pode ser entendida como fato limitador da ação do Espírito Santo — pelo contrário, pois ela é o ponto central para a construção do Reino, que se materializa na consolidação contínua de uma sociedade justa, ética e solidária.

95. De fato, assim como a graça supõe a natureza humana, nossas iniciativas pastorais são propostas metódica e teologicamente de acolhimento ao Espírito: é a nossa *diakonia* apoiar e promover o experimentar de Deus entre professores, estudantes e colaboradores por meio do aprofundamento progressivo do querigma. E “isto exige do evangelizador certas atitudes que ajudam a acolher melhor o anúncio: proximidade, abertura ao diálogo, paciência, acolhimento cordial que não condena”<sup>75</sup>. Querigma que não seja proselitismo, mas tradução, mediante a Palavra anunciada e partilhada, daquela Palavra silenciosa e inquieta no interior das pessoas que apresenta sinais de dar um passo a mais em direção ao conhecimento da vida de Jesus Cristo.
96. Em conformidade com as metodologias pastorais já estabelecidas na Igreja<sup>76</sup>, reconhecemos e atualizamos um conjunto de opções pedagógicas derivadas do “jeito Marista”. Esse conjunto de opções surgiu nas Instituições de Champagnat com os primeiros Irmãos e logo se tornou princípio fundamental de um estilo de educar e evangelizar que tem se consolidado nos 200 anos de existência do Instituto, que está presente em todos os cinco continentes. Assim, as opções pedagógicas maristas configuram nossa contribuição específica para que homens e mulheres qualifiquem seus modos de ser e agir no mundo.

<sup>75</sup> Francisco. *Evangelii gaudium*, n. 165.

<sup>76</sup> Como o ver-julgar-agir, resultado da experiência do movimento “Juventude Operária Cristã (JOC)” e do saber-experimentar-aderir, inspirado na passagem bíblica dos discípulos de Emaús.

97. Cada opção pedagógico-pastoral é proposta como um “ato de fé” diante dos muitos desafios que o anúncio da Boa Nova traz diariamente para Instituições Maristas de Educação Superior. No entanto, a urgência de respostas não deve substituir, em nosso trabalho, a beleza e a profundidade dos questionamentos, das dúvidas, da busca. Esses questionamentos são lugar comum na academia, e são ‘material precioso’ para a descoberta de novas perspectivas, para a revisão e ajustes de rota, para a melhoria das relações, para a busca permanente e digna da verdade na Universidade — uma busca permeada pelo diálogo entre as ciências, a cultura e a fé<sup>77</sup>. Assim, nos parágrafos que se seguem, os desafios e as escolhas pedagógicas iluminam-se uns aos outros num esforço constante para construir formas teóricas e práticas de servir à humanidade com nosso carisma.

### *Do jeito de Maria*

98. A primeira circular escrita pelo irmão Emili Turú<sup>78</sup> oferece uma reflexão profunda sobre o que pode ser considerada a primeira e, talvez, a opção pedagógica mais originalmente Marista: *o jeito de Maria*. Ele nos chama à responsabilidade de alertar a todos a “construir o rosto mariano da Igreja”. Mas como podemos tornar isso possível em Universidades, Centros e Institutos Maristas de Educação? Como podemos mostrar aos jovens o carisma da espiritualidade mariana? Como podemos abordar a prática didática e pedagógica dos educadores com o viés discreto, sensível e decisivo de como Maria ensina?

<sup>77</sup> Conselho Pontifício da Cultura. *Para uma pastoral da cultura*, n. 11-13.

<sup>78</sup> Turú, Emili. *Deu-nos o nome de Maria*, 2012.

99. Seguindo o exemplo deixado por Maria, que criou Jesus de Nazaré e ajudou de maneira decisiva no desenvolvimento de sua personalidade (cf. Lc 2,51-52), nos projetos pastorais com os jovens nós experimentamos as alegrias e as dificuldades de caminharmos juntos, ao passo que percebemos que a autonomia e a liberdade são processos humanos que envolvem erros e acertos. Inspirados por Maria, discípula e missionária, é possível superar a instabilidade e a falta de compromisso que são comportamentos comuns à geração global de jovens. É essencial que comuniquemos a eles a confiança e transparência de coração, ajudando-os a crescer em “sabedoria, em estatura e em graça” (Lc 2,52).
100. A contemplação de Maria e seu serviço certamente nos inspiram: como ela, “peregrina da fé”<sup>79</sup>, hoje estamos a atravessar fronteiras e a abrir novos campos no ambiente acadêmico entre evangelho e humanidade. O diálogo, a ousadia, a itinerância e a alegria que caracterizam o discipulado de Maria nos são exemplo e estímulo (cf. Lc 1,46-55). É neste sentido que o Papa Francisco admite que “há um estilo mariano na atividade evangelizadora da Igreja”<sup>80</sup>, pois “Maria sabe reconhecer os vestígios do Espírito de Deus tanto nos grandes acontecimentos como naqueles que parecem imperceptíveis. É contemplativa do mistério de Deus no mundo, na história e na vida diária de cada um e de todos. É a mulher orante e trabalhadora em Nazaré, mas é também nossa Senhora da prontidão, a que sai ‘à pressa’ (Lc1, 39) para estar a serviço dos outros. Esta dinâmica de justiça e ternura, de contemplação e preocupação para os outros faz d’Ela um modelo eclesial para a evangelização”<sup>81</sup>.

<sup>79</sup> Francisco. *Lumen fidei*, n. 58.

<sup>80</sup> Francisco. *Evangelii gaudium*, n. 288.

<sup>81</sup> Francisco. *Evangelii gaudium*, n. 288.

101. O zelo materno de Maria nos lembra que a prática pastoral precisa ser marcada pela escuta e pela aceitação, nas quais a sensibilidade e cuidado com o outro são elementos pedagógicos essenciais. Ao falar com os jovens sobre os princípios da fé cristã e experimentar as diferentes expressões de religiosidade, a “beleza do mistério” e o desafio maravilhoso de seguir Jesus despertados em seus corações. Neste ponto, o “moralismo” deve ser evitado, pois ele geralmente mantém os jovens distantes e cria obstáculos intransponíveis para um encontro real. É preciso estar alerta para as singularidades de suas histórias de vida, sem qualquer preconceito, e impulsioná-los para a liderança (e para a solidariedade com os necessitados), seguindo o exemplo de Maria, que vai até a casa de sua prima Isabel (cf. Lc 1,39-46).
102. Juntamente com os professores e colaboradores, Maria é uma referência como educadora e como discípula. Ao lado de José, ela auxiliou Jesus em seus primeiros passos, provendo o jovem Deus com o amor e espírito familiar necessários para o desenvolvimento de sua humanidade. Tomando como inspirações o lar em Nazaré e nossas Instituições Educacionais, queremos proporcionar espaços de fraternidade nos quais educadores tenham a oportunidade de reconhecer e experimentar os aspectos identitários desse modo específico de ser e agir no mundo. Além disso, são convidados a testemunhar seus valores com os estudantes, acompanhando-os e inspirando-os na direção de seus “ideais acadêmicos e pelos princípios de uma vida autenticamente humana”<sup>82</sup>. Assim como Maria em Caná, os líderes pastorais devem identificar as necessidades e preocupações dos professores e colaboradores para criar projetos que visem diferentes modelos de formação

<sup>82</sup> João Paulo II. *Ex corde ecclesiae*, n. 22.

e assim atender as diferentes demandas com proximidade, qualidade e responsabilidade.

### *Os grupos: fraternidade e partilha de vida*

103. A criação e manutenção de grupos pastorais é um desafio constante. Primeiro, porque isso requer que seus participantes – sejam eles jovens ou adultos – tenham níveis significativos de compromisso e dedicação. Segundo, porque a existência dos animadores depende de estratégias envolventes de convocação e nucleação no planejamento de conteúdo e metodologia e também de avaliação periódica. Frequentemente, por conveniência ou ignorância, animadores pastorais escolhem eventos que são importantes em si mesmos, mas que geralmente consomem a energia que deveria ser dedicada a processos de grupo, que são uma expressão importante da vida cristã<sup>83</sup>. Questões sobre como tornar esses grupos vibrantes e significativos aos indivíduos e à comunidade devem estar presentes na ação pastoral.
104. O grupo adquire um papel vital porque se estabelece como um lugar apropriado para desenvolver a fé de uma pessoa, para viver em comunidade e para desenvolver liderança. O grupo não deve ser grande demais e não tem que durar para sempre. Em lugar disso, deve ter um tempo de existência preestabelecido, conectado a uma proposta clara e bem fundamentada, tanto em termos metodológicos como na escolha e amplitude do conteúdo a ser desenvolvido com os participantes. Dependendo do planejamento local, é possível que diferentes grupos operem simultaneamente, como a Juven-

<sup>83</sup> Comissão Internacional da Pastoral Juvenil Marista. Evangelizadores entre os jovens, n. 143-147.

tude Marista, grupos de solidariedade, grupos de oração, grupos de educadores etc. A existência de grupos reenquadra a realização de eventos ao garantir que eles se tornarão passos importantes em uma rota longa e estável.

105. Para os jovens estudantes universitários, o grupo pode se materializar em três diferentes experiências que têm alcançado resultados positivos em muitas Universidades, Centros e Institutos Educacionais Maristas: a) *Pastoral da Juventude Marista* ou *Pastoral Juvenil Marista da Universidade*; b) *Grupos de Solidariedade*; c) *Grupos de Oração e Espiritualidade*.
106. *Pastoral da Juventude Marista* ou *Pastoral Juvenil Marista da Universidade*. Esta iniciativa, já difundida entre os adolescentes que participam em muitos programas Maristas de educação básica, apresenta-se como uma possibilidade criativa e agradável para os jovens estudantes universitários, desde que sua linguagem e metodologia sejam absorvidas. Este grupo é caracterizado basicamente como um lugar para descobrir o ato de seguir Jesus e representa uma oportunidade para a juventude organizar uma comunidade, enquanto gradualmente aprende a imprimir as características de um chamado político e social de sua fé.
107. *Grupos de Juventude Maristas* demandam que seus animadores – em geral jovens adultos com um plano de vida bem definido – planejem reuniões e escolham metodologias. Ao fazer isso, cada encontro precisa ser preparado antecipadamente, levando em conta o perfil dos participantes e seus interesses coletivos e individuais. Sugere-se que os próprios jovens participantes cooperem no desenvolvimento e condução dos encontros, de forma que assimilem responsabilidades em relação aos

outros e exercitem seus potenciais de liderança. Neste sentido, recomendamos o estudo sistemático do material de referência descrito pelo Instituto Marista: *Evangelizadores entre os jovens*.

108. O processo de desenvolvimento da fé da juventude precisa ser o foco do *Pastoral Juvenil Marista* nas Instituições Maristas de Educação Superior. Os documentos apontam que “esse processo de formação integral torna possível ao jovem viver o projeto de Jesus, fazendo que se transforme em um apóstolo de outros jovens, e que se comprometa, como cristão, na construção de uma sociedade mais justa, ética e solidária, sinal da civilização do amor”<sup>84</sup>. As razões pelas quais eles abordam projetos pastorais são múltiplas e variadas. Devido a isso, as propostas de nucleação – que é o estágio das primeiras conversas informais até o estabelecimento do grupo – são adequadas para esclarecer os objetivos e intenções. Embora a *Pastoral Juvenil Marista* seja uma ação opcional e a maioria dos participantes são católicos, é importante promover sempre o diálogo ecumênico e inter-religioso. Não podemos nos esquecer de que o cristianismo é expresso na plenitude da humanidade de cada pessoa.
109. *Grupos de Solidariedade*. Atualmente, os jovens se reúnem em torno de causas humanitárias e ambientais. Juntamente com questões econômicas e políticas tradicionais, também exploram aspectos sociais e culturais enquanto demonstram que a soma de pequenas ações, frequentemente silenciosas, pode levar a macro revoluções. Eles querem espaços mais democráticos nos quais, para participar e para diversificar as muitas formas de mobilização, usam principalmente as redes sociais. Neste sentido, as Universidades, Centros Educacionais e

<sup>84</sup> Comissão Internacional da Pastoral Juvenil Marista. *Evangelizadores entre os jovens*, n. 149.

Instituições Maristas oferecem uma grande oportunidade para a mobilização de jovens. Promover a organização de grupos de solidariedade direcionados ao envolvimento direto em diferentes realidades (especialmente os mais vulneráveis) é uma possibilidade de evangelizar a juventude, mesmo quando isso não seja feito de forma explícita<sup>85</sup>. Assim como a Pastoral Juvenil Marista, outros grupos de solidariedade precisam considerar critérios tais como:

- a) Uma proposta de projeto bem definida, com começo, meio e fim.
  - b) Os jovens precisam ser treinados para intervir na realidade.
  - c) Conhecimento prévio do local de envolvimento
  - d) Subsequente e costumeiramente, avaliação do projeto e auto avaliação.
110. O jovem deve ser visto como um sujeito solidário, no sentido de que percebe injustiças e se mobiliza para a ação. Desde o início tem consciência, o que o torna capaz de reconhecer as probabilidades e agir de modo oportuno em certas situações. O próximo passo é intervir na realidade, no que se refere ao aspecto operacional. No estágio final, a juventude percebe o todo e trabalha para o bem comum, engajando-se em ações e movimentos de transformação social. Seu bem-estar depende da qualidade de vida de cada um, especialmente dos mais necessitados. É impossível ser feliz vendo outros sofrendo dos mais variados problemas.
111. Na comunidade universitária das diferentes Instituições Educacionais Maristas, o compromisso com a juventude necessitada acontece por meio

<sup>85</sup> Grupos de solidariedade e outras formas de participação estudantil são destacados pelo Papa Francisco no contexto da nova evangelização na Exortação Apostólica *Evangelii gaudium*, n. 105.

- da educação para a solidariedade, alinhado com a Doutrina Social da Igreja, que promove, através de indivíduos encorajadores, a necessidade de criar oportunidades para cada um exercer sua cidadania e garantir uma efetiva participação econômica, social, política, cultural e educacional. A comunidade universitária também precisa expandir o acesso ao conhecimento e garantir seu compartilhamento.
112. A chamada do XXI Capítulo Geral para “olhar o mundo com os olhos das crianças pobres” se materializa em Instituições Maristas de Educação Superior através da denúncia da violação dos direitos, que ocorre de forma proposicional, organizada e articulada. Como sociedade civil e espaço de educação cristã, as atitudes do Estado e dos outros setores da sociedade são inspecionadas para a garantia da construção de um mundo mais justo e mais digno para todos. Para agir e fazer a diferença, alguém assume a responsabilidade de investigar e amplificar o debate sobre a noção de defesa, por meio de suas prerrogativas: conscientização, nomeação de agentes transformadores, mobilização e monitoramento de políticas públicas, influência em conselhos de defesa e a promoção de direitos humanos.
113. *Grupos de oração e espiritualidade.* É comum em muitas universidades que os jovens formem grupos de oração. Seja de forma espontânea ou como uma ação mais planejada, resultante de vários movimentos eclesiais, esta forma de viver é convertida em expressão autêntica da fé entre jovens, desde que seja bem organizada e acompanhada. Portanto, não se trata de considerar algo que “adultize” a maneira de orar dos jovens, mas, ao contrário, este modelo de grupo é configurado como um espaço no qual possam desenvolver uma

espiritualidade com um estilo e um ritmo próprio. Neste sentido, é fundamental que os animadores e a comunidade universitária compreendam os jovens como uma realidade teológica, ou seja, como *locus* no qual Deus se expressa com alegria e desafio, interpelação e criatividade.

114. É importante que os animadores pastorais impeçam que estes grupos de oração e espiritualidade se tornem “espaços exclusivos”, aos quais apenas “alguns poucos escolhidos” tenham acesso. A disposição dos participantes deve ser de acolher fraternalmente e respeitosamente, como uma referência de vida cristã a outros jovens. Por exemplo, a *Pastoral Juvenil Marista* não se torna fechada em si mesma, mas, ao contrário disso, é um clímax de outras expressões da espiritualidade que estão presentes na vida do jovem, tais como: espiritualidade diária, na qual encontramos Deus nas diferentes situações da vida; a espiritualidade da comunidade, na qual o cultivo de comunhão e serviço é valorizado; a espiritualidade da novidade, que testemunha alegria e esperança; a espiritualidade da imersão, que assume o compromisso de ser missionário; a espiritualidade do excluído, relacionada aos pequenos e aos pobres; e a espiritualidade pascal, que é expressa em descobertas e lutos, tão comuns à vida do jovem.
115. Com adultos, especialmente professores e colaboradores de diferentes Instituições Maristas de Educação Superior, a metodologia de grupo representa uma opção pedagógico-pastoral relevante. Nesse sentido, alguém poderia destacar as comunidades de partilha de vida, as quais intensificam os laços de amizade ao mesmo tempo em que elas favorecem a construção de sua própria identidade ao se verem

como núcleos de realidade fraterna, mariana e teológica. Os fortes momentos de oração, o aprofundamento da espiritualidade Marista, a colaboração, a sociabilização e a celebração mútua são exemplos de experiências de vida que podem ser valorizadas entre os participantes. Muitas propostas opcionais têm nascido e se consolidado através de grupos locais que se prepararam para a Assembleia Marista Internacional em Mendes, no Brasil, e em Náirobi, no Quênia. Também recomendamos oferecer aos professores da Educação Básica e da Educação Superior, como uma opção para viver o carisma, o *Movimento Champagnat da Família Marista*.

116. A vivência dos sacramentos, especialmente a celebração dos fundamentos da fé cristã, como a Páscoa, deve ser uma prática especial e carregada de significado na vida diária de nossas Instituições de Educação Superior. Por serem a expressão da vida comunitária e do contato direto com Deus, esses sacramentos precisam de processos introdutórios e de aprofundamentos, garantindo que sejam adequadamente compreendidos e vivenciados.

### *Acompanhamento*

117. O acompanhamento é outra opção pedagógica nas Universidades e Centros de Educação Superior Marista. Ele pode ocorrer em dois níveis: *comunitário* e *individual*. No primeiro caso, é natural que em processos de grupo, pessoas acompanhem umas às outras mutuamente. Os laços se tornam mais maduros e profundos conforme a experiência de comunidade se torna mais sólida. Cada um se torna responsável pelo outro e o grupo é consolidado

como um lugar de crescimento comum. Como o Papa Francisco nos lembra, “a comunidade evangelizadora dispõe-se a ‘acompanhar’. Acompanha a humanidade em todos os seus processos, por mais duros e demorados que sejam. Conhece as longas esperas e a suportação apostólica. A evangelização patenteia muita paciência, e evita deter-se a considerar as limitações”<sup>86</sup>.

118. No acompanhamento pessoal, laços duradouros são desenvolvidos entre dois sujeitos no momento em que um deles manifesta o desejo de ser acompanhado. O acompanhador caminha com o outro, ouve, ensina e estimula a autonomia. Para isso, deve ser alguém que seja adequadamente formado e competente, uma pessoa que testemunhe sua espiritualidade com coerência e profundidade. Atualmente, muitas Universidades e Institutos ao redor do mundo oferecem formação específica e competente para os acompanhadores, tais como aconselhamento, aconselhamento pastoral, guia de orientação espiritual, entre outros. Muitos de nossos ambientes de Educação Superior incluem um pároco universitário ou contam com o cuidado sistemático de padres que cultivam a prática de acompanhamento espiritual para os membros da comunidade.
119. O jovem não caminha só. Projetos pastorais que auxiliam jovens a buscar o significado da vida oferecendo-lhes a possibilidade de seguir Jesus precisam considerar as dimensões do acompanhamento. Seja individualmente ou em grupos, os jovens devem ser acompanhados por pessoas que reconheçam suas realidades diferenciadas, seus contextos sociais e histórias de vida. O acompanhamento informal acontece em momentos de partilha, relaxamento e

<sup>86</sup> Francisco. *Evangelii gaudium*, n. 24.

encontro, que podem acontecer em lugares e momentos diferentes. O acompanhamento mais formal, por outro lado, requer preparo e um acompanhador que tenha clareza sobre seu próprio projeto de vida. É sempre bom lembrar que não se trata de terapia ou de simplesmente adentrar o coração de alguém, mas é uma escuta qualificada, compartilhamento produtivo de sonhos, conquistas, medos e angústias que fazem parte da vida dos jovens.

120. Para adultos, o acompanhamento é uma ferramenta de crescimento humano e espiritual. Imerso no contexto do autoconhecimento e na vivência do discipulado de Jesus, essa experiência requer constante revisão e o redirecionamento de alternativas vocacionais, além de ser uma parte significativa do processo de amadurecimento da fé. O desejo de ser acompanhado deve surgir da própria pessoa. O acompanhador é a pessoa que apresenta um modo acolhedor, que faz questionamentos úteis e que oferece encorajamento. É a leitura de fé na própria vida que constitui o núcleo da vida. É a pessoa que pode “ler Deus” inscrito em sua jornada pessoal, à maneira de uma *teografia* (inscrição espiritual) que comunica sentido e auxilia o outro a interpretar a vida diária com esperança e fé.

### *Formação de professores e colaboradores*

121. A formação de professores e colaboradores sobre *identidade institucional* é uma das prioridades pastorais das Instituições Maristas de Educação Superior e, talvez, um de seus maiores desafios. É verdade que a possibilidade de absolutização de projetos intelectuais e a tentação da visão excessiva de seu

próprio ego tornam a comunicação com professores difícil, principalmente no universo acadêmico. Esta situação é intensificada muitas vezes quando, como animador pastoral, alguém não está suficientemente preparado para expressar àquele público uma proposta consistente que seja fundamentada no Reino de Deus. Neste sentido, é crucial perguntar: como desenvolvemos uma formação pastoral de professores e colaboradores, integrando a competência técnico-científica com princípios éticos e valores fundamentais para a construção de uma sociedade mais justa e equitativa?

122. A formação é caracterizada como uma oportunidade para viver e exercitar a vocação, ao mesmo tempo em que contribui para o desenvolvimento profissional. Com base na dimensão humana, cristã e Marista, o processo formativo precisa favorecer metodologicamente a construção de conhecimento, o aprofundamento da espiritualidade, a sociabilidade fraternal e, para aqueles que desejam, uma jornada de adesão pessoal ao carisma de Champagnat.
123. Para professores e novos colaboradores, recomendamos a realização de um processo sistemático de “integração” em parceria com Recursos Humanos, que possa garantir a novos profissionais não apenas conteúdos mínimos e indispensáveis do cristianismo e do carisma Marista, mas também aspectos específicos que são necessários para a plena realização de suas tarefas. Para aqueles que têm participado da organização por mais tempo, propomos a oferta de programas e projetos que assegurem a imersão de professores e colaboradores em aspectos de identidade, espiritualidade e missão que caracterizam o carisma herdado de Champagnat. Em ambos os casos, os conteúdos, apoio material

e linguagem precisam ser adaptados às particularidades do público e suas realidades.

124. Em meio a um mundo ruidoso, bombardeado com novas e intermináveis informações, é vital oferecer, a professores e colaboradores, ambientes que facilitem o exercício do silêncio e da meditação. Isso consiste, na maioria das vezes, em nossos esforços na busca de uma educação para interioridade, a qual tem por objetivo o desenvolvimento de competência espiritual, auxiliando a pessoa a dar pleno significado a estas experiências vitais e ser capaz de viver, de modo autêntico e integral, seu relacionamento com Deus e todas as formas de vida no planeta<sup>87</sup>. Como o Papa Francisco aconselha: “Muitas vezes é melhor diminuir o ritmo, pôr de parte a ansiedade para olhar nos olhos e escutar, ou renunciar às urgências para acompanhar quem ficou caído à beira do caminho. Às vezes, é como o pai do filho pródigo, que continua com as portas abertas para, quando este voltar, poder entrar sem dificuldade”<sup>88</sup>. Neste sentido, retiros, momentos de contemplação, caminhadas e celebrações em meio à natureza e a leitura orante da Bíblia (*Lectio Divina*) podem ser práticas estimuladas pelos animadores pastorais.
125. Aqueles que professam outras crenças religiosas são bem-vindos em sua diversidade e igualmente chamados a contribuir para a realização da missão Marista. Liberdade religiosa, disposição para o diálogo e cooperação são valores que devem ser cultivados em diferentes esferas da ação pastoral, administrativa e pedagógica de nossas Instituições de Educação Superior.
126. Neste sentido, estamos atentos à identidade religiosa de professores, estudantes e colaboradores, dis-

<sup>87</sup> Provincia Marista Mediterránea. *Marco de Espiritualidad. Educación de la interioridad*, p. 15.

<sup>88</sup> Francisco. *Evangelii gaudium*, n. 46.

tinguindo, sem excluir, aqueles que compartilham conosco a fé cristã (ecumenismo) e aqueles que buscam Deus em outras denominações religiosas (diálogo inter-religioso). Nos ambientes educacionais nos quais essa presença existe, é importante que as pessoas responsáveis pela ação evangelizadora sejam adequadamente qualificadas em diálogos interconfessionais<sup>89</sup>.

127. Aqueles que são localmente responsáveis pela formação de professores e colaboradores precisam ter uma preparação pessoal e institucional sólida, o que inclui treinamento em criatividade, capacidade para planejamento, integração dos diferentes grupos e conhecimentos imprescindíveis. Além dos temas que são característicos da dimensão humana, da fé cristã e das origens Maristas, é essencial que os professores discutam a abordagem corrente adotada pela juventude, de forma que possam criar habilidades para compreender a realidade atual, para abrir corações e ouvir o que constitui 'o coração' do carisma de Champagnat.

### *Diálogo entre fé e razão*

128. Dos projetos pastorais mais simples àqueles que são mais complexos e duradouros, é necessário que haja um diálogo constante entre fé e razão para aplicar a linguagem religiosa e teológica ao mundo acadêmico, ao mesmo tempo em que o número de facilitadores é ampliado<sup>90</sup>. Isso não implica em perder os elementos essenciais, nem relativizar os princípios Marista, mas significa dar a eles um novo significado para o mundo contemporâneo. Quando demonstramos insegurança pelos fun-

<sup>89</sup> Pontifício Conselho para a Promoção da unidade dos Cristãos. *Directório para a aplicação dos princípios e normas sobre o ecumenismo*, n. 89; Pontifício Conselho para o Diálogo Inter-religioso. *Diálogo e anúncio*, n. 47-50.

<sup>90</sup> Francisco. *Lumen fidei*, n. 32-34.

damentos da fé ou quando o Evangelho não está testemunhado nas práticas pedagógicas, pastorais e administrativas, barreiras são criadas ou aumentadas, separando a Pastoral dos jovens estudantes, professores e colaboradores, que apresentam a predisposição para enxergarem a ação pastoral com desconfiança. Portanto, é necessário construir conhecimento que revele que “a evangelização está atenta aos progressos científicos para os iluminar com a luz da fé e da lei natural, tendo em vista procurar que sempre respeitem a centralidade e o valor supremo da pessoa humana em todas as fases da sua existência”<sup>91</sup>.

129. A promoção de eventos, tais como congressos, viagens acadêmicas, simpósios e discussões em mesa redonda, entre outros, que discutam a relação entre ciência, cultura e fé é uma opção pedagógico-pastoral essencial para nossas Instituições de Educação Superior. Como o Papa Bento XVI nos lembra, “a Igreja deve abrir uma espécie de ‘Pátio dos Gentios’ em que as pessoas possam de alguma forma agarrar-se a Deus, sem O conhecer e antes mesmo de ter acesso ao seu mistério, a cujo serviço está a vida interior da Igreja”<sup>92</sup>. Hoje, além do diálogo inter-religioso, é necessário que haja um diálogo com aqueles para quem a religião é algo estrangeiro, para quem Deus é desconhecido e que apesar disso não querem ser deixados meramente sem Deus, mas desejam se aproximar Dele, mesmo que Desconhecido<sup>93</sup>.
130. O confronto qualificado de ideias é um método legítimo de convergir razão com fé. Seus resultados estão na criação de pontes entre diferentes visões de mundo, especialmente entre crentes e não crentes. De um diálogo verdadeiro sobre assuntos que discutem a existência humana e sua relação com

<sup>91</sup> Francisco. *Evangelii gaudium*, n. 242.

<sup>92</sup> Lineamenta para o Sínodo sobre “A Nova Evangelização para a transmissão da fé cristã”, 2011.

<sup>93</sup> Bento XVI. *Discurso do Papa Bento XVI à cúria romana para a apresentação dos bons votos de Natal*, 2009.

o transcendente, é possível traçar caminhos comuns, nos quais a escuta cuidadosa e a troca transparente são transformadas em fontes para a busca de significado que, para aqueles que creem, é traduzido na experiência de Deus e, para os outros, em um encontro com o desconhecido. “Escutar, na comunicação com o outro, é a capacidade do coração que torna possível a proximidade, sem a qual não existe um verdadeiro encontro espiritual. Escutar ajuda-nos a individuar o gesto e a palavra oportunos que nos desinstalam da cômoda condição de espectadores”<sup>94</sup>.

## Conclusão

131. Finalmente, é indispensável que o desenvolvimento pastoral nas Instituições Maristas de Educação Superior seja articulado com a Igreja local, em um constante diálogo com o Bispo e com suas ações inseridas no planejamento pastoral diocesano. A sensação de pertencimento à comunidade eclesial favorece o exercício da participação e unidade, necessário para um autêntico testemunho de fé, esperança e caridade. Deste modo, somos chamados como uma igreja, povo de Deus, para superar, por um lado, o secularismo e o racionalismo exacerbado, e por outro lado, o sentimentalismo, o fundamentalismo e a comercialização da fé. Essa é a responsabilidade de discípulos missionários que, com ardor evangélico dinâmico e renovado, favorece em todos, mulheres e homens, e especialmente, nos jovens e nos pobres, a descoberta da ação e o calor do Espírito em suas vidas, “estabelecendo mediações oportunas para que possam se encontrar com o Deus da vida”<sup>95</sup>.

<sup>94</sup> Francisco. *Evangelii gaudium*, n. 171.

<sup>95</sup> Comissão Internacional da Pastoral Juvenil Marista. *Evangelizadores entre os jovens*, n. 91.



# Referências

AGAMBEN, G. *O que é o contemporâneo? E outros ensaios*. Chapecó: Argos, 2009.

BENTO XVI. *Discurso do Papa Bento XVI à cúria romana para a apresentação dos bons votos de natal*. Roma: Livraria Editora Vaticana, 2009. Disponível em: <[http://w2.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/speeches/2009/december/documents/hf\\_ben-xvi\\_spe\\_20091221\\_curia-auguri.html](http://w2.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/speeches/2009/december/documents/hf_ben-xvi_spe_20091221_curia-auguri.html)>. Acesso: 29 de mai. de 2017.

BÍBLIA DE JERUSALÉM. Nova edição, revista e ampliada. 3ª reimpressão. São Paulo: Paulus, 2004.

COMISSÃO INTERNACIONAL DA PASTORAL JUVENIL MARISTA. *Evangelizadores entre os jovens*. São Paulo: FTD, 2011. Disponível em: <[http://www.champagnat.org/e\\_maristas/Documentos/PJM\\_pt.pdf](http://www.champagnat.org/e_maristas/Documentos/PJM_pt.pdf)>. Acesso: 29 de mai. de 2017.

CONCÍLIO VATICANO II. *Constituição pastoral Gaudium et spes sobre a igreja no mundo atual*. Roma: Livraria Editora Vaticana, 1965. Disponível em: <[http://www.vatican.va/archive/hist\\_councils/ii\\_vatican\\_council/documents/vat-ii\\_const\\_19651207\\_gaudium-et-spes\\_po.html](http://www.vatican.va/archive/hist_councils/ii_vatican_council/documents/vat-ii_const_19651207_gaudium-et-spes_po.html)>. Acesso: 29 de mai. de 2017.

CONFERÊNCIA GERAL DO EPISCOPADO LATINO-AMERICANO E DO CARIBE, n. 5, 2007, Aparecida do Norte, SP. *Documento de Aparecida: texto conclusivo da V Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano e do Caribe: 13-31 de maio de 2007, 9 ed.* São Paulo: Paulus, 2008. Disponível em: <[http://www.dhnet.org.br/direitos/cjp/a\\_pdf/cnbb\\_2007\\_documento\\_de\\_aparecida.pdf](http://www.dhnet.org.br/direitos/cjp/a_pdf/cnbb_2007_documento_de_aparecida.pdf)>. Acesso: 29 de mai. de 2017.

FRANCISCO. *Carta Encíclica Lumen fidei*. Roma: Livraria Editora Vaticana, 2013. Disponível em: <[http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/encyclicals/documents/papa-francesco\\_20130629\\_encyclica-lumen-fidei.html](http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/encyclicals/documents/papa-francesco_20130629_encyclica-lumen-fidei.html)>. Acesso: 29 de mai. de 2017.

FRANCISCO. *Exortação Apostólica Evangelii gaudium*. Roma: Vaticana, 2013. Disponível em: <[http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/apost\\_exhortations/documents/papa-francesco\\_esortazione-ap\\_20131124\\_evangelii-gaudium.html](http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/apost_exhortations/documents/papa-francesco_esortazione-ap_20131124_evangelii-gaudium.html)>. Acesso: 29 de mai. de 2017.

INSTITUTO DOS IRMÃOS MARISTAS. *Constituições e estatutos*. Roma: Instituto dos Irmãos Maristas, 1986. Disponível em: <[http://www.champagnat.org/e\\_maristas/Documentos/constitutions2011\\_pt.pdf](http://www.champagnat.org/e_maristas/Documentos/constitutions2011_pt.pdf)>. Acesso: 29 de mai. de 2017.

JOÃO PAULO II. *Abertura dos trabalhos da IV Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano*. Roma: Livraria Editora Vaticana, 1992. Disponível em: <[http://w2.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/speeches/1992/october/documents/hf\\_jp-ii\\_spe\\_19921012\\_iv-conferencia-latinoamerica.html](http://w2.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/speeches/1992/october/documents/hf_jp-ii_spe_19921012_iv-conferencia-latinoamerica.html)>. Acesso: 29 de mai. de 2017.

JOÃO PAULO II. *Carta apostólica Novo millennio ineunte*. Roma: Livraria Editora Vaticana, 2000. Disponível em: <[http://w2.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/apost\\_letters/2001/documents/hf\\_jp-ii\\_apl\\_20010106\\_novo-millennio-ineunte.html](http://w2.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/apost_letters/2001/documents/hf_jp-ii_apl_20010106_novo-millennio-ineunte.html)>. Acesso: 29 de mai. de 2017.

JOÃO PAULO II. *Carta Encíclica Fides et ratio*. Roma: Livraria Editora Vaticana, 1998. Disponível em: <[http://w2.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/encyclicals/documents/hf\\_jp-ii\\_enc\\_14091998\\_fides-et-ratio.html](http://w2.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/encyclicals/documents/hf_jp-ii_enc_14091998_fides-et-ratio.html)>. Acesso: 29 de mai. de 2017.

JOÃO PAULO II. *Carta Encíclica Redemptoris missio*. Roma: Livraria Editora Vaticana, 1990. Disponível em: <[http://w2.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/encyclicals/documents/hf\\_jp-ii\\_enc\\_07121990\\_redemptoris-missio.html](http://w2.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/encyclicals/documents/hf_jp-ii_enc_07121990_redemptoris-missio.html)>. Acesso: 29 de mai. de 2017.

JOÃO PAULO II. *Constituição apostólica Ex corde ecclesiae*. Roma: Livraria Editora Vaticana, 1990. Disponível em: <[http://w2.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/apost\\_constitutions/documents/hf\\_jp-ii\\_apc\\_15081990\\_ex-corde-ecclesiae.html](http://w2.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/apost_constitutions/documents/hf_jp-ii_apc_15081990_ex-corde-ecclesiae.html)>. Acesso: 29 de mai. de 2017.

PAULO VI. *Declaração Gravissimum educationis sobre a educação cristã*. Roma: Livraria Editora Vaticana, 1965. Disponível em: <[http://www.vatican.va/archive/hist\\_councils/ii\\_vatican\\_council/index\\_po.htm](http://www.vatican.va/archive/hist_councils/ii_vatican_council/index_po.htm)>. Acesso: 29 de mai. de 2017.

PAULO VI. *Exortação apostólica Evangelii nuntiandi de sua santidade o Papa Paulo VI ao episcopado, ao clero e aos fiéis de toda a igreja*. Roma: Livraria Editora Vaticana, 1975. Disponível em: <[http://w2.vatican.va/content/paul-vi/pt/apost\\_exhortations/documents/hf\\_p-vi\\_exh\\_19751208\\_evangelii-nuntiandi.html](http://w2.vatican.va/content/paul-vi/pt/apost_exhortations/documents/hf_p-vi_exh_19751208_evangelii-nuntiandi.html)>. Acesso: 29 de mai. de 2017.

PONTIFÍCIA COMISSÃO BÍBLICA. *Bíblia e Moral*. Raízes Bíblicas do Agir Cristão, 2008. Disponível em: <[http://www.vatican.va/roman\\_curia/congregations/cfaith/pcb\\_documents/rc\\_con\\_cfaith\\_doc\\_20080511\\_biblia-e-morale\\_po.html](http://www.vatican.va/roman_curia/congregations/cfaith/pcb_documents/rc_con_cfaith_doc_20080511_biblia-e-morale_po.html)>. Acesso em 29 de mai. De 2017.

PONTIFÍCIO CONSELHO "JUSTIÇA E PAZ". *Compêndio da doutrina social da igreja*. Roma: Livraria Editora Vaticana, 2004. Disponível em: <[http://www.vatican.va/roman\\_curia/pontifical\\_councils/justpeace/documents/rc\\_pc\\_justpeace\\_doc\\_20060526\\_compendio-dott-soc\\_po.html](http://www.vatican.va/roman_curia/pontifical_councils/justpeace/documents/rc_pc_justpeace_doc_20060526_compendio-dott-soc_po.html)>. Acesso: 29 de mai. de 2017.

PONTIFÍCIO CONSELHO DA CULTURA. *Para uma pastoral da cultura*. Roma: Livraria Editora Vaticana, 1999. Disponível em: <[http://www.vatican.va/roman\\_curia/pontifical\\_councils/cultr/documents/rc\\_pc\\_pc-cultr\\_doc\\_03061999\\_pastoral\\_po.html](http://www.vatican.va/roman_curia/pontifical_councils/cultr/documents/rc_pc_pc-cultr_doc_03061999_pastoral_po.html)>. Acesso: 29 de mai. de 2017.

PONTIFÍCIO CONSELHO PARA A PROMOÇÃO DA UNIDADE DOS CRISTÃOS. *Diretório para a aplicação dos princípios e normas sobre o ecumenismo*. Roma: Livraria Editora Vaticana, 1993. Disponível em: <[http://www.vatican.va/roman\\_curia/pontifical\\_councils/chrstuni/general-docs/rc\\_pc\\_chrstuni\\_doc\\_19930325\\_directory\\_en.html](http://www.vatican.va/roman_curia/pontifical_councils/chrstuni/general-docs/rc_pc_chrstuni_doc_19930325_directory_en.html)>. Acesso: 29 de mai. De 2017.

PONTIFÍCIO CONSELHO PARA O DIÁLOGO INTER-RELIGIOSO. *Diálogo e anúncio*. Roma: Livraria Editora Vaticana, 1991. Disponível em: <[http://www.vatican.va/roman\\_curia/pontifical\\_councils/interelg/documents/rc\\_pc\\_interelg\\_doc\\_19051991\\_dialogue-and-proclamatio\\_po.html](http://www.vatican.va/roman_curia/pontifical_councils/interelg/documents/rc_pc_interelg_doc_19051991_dialogue-and-proclamatio_po.html)>. Acesso: 29 de mai. de 2017.

PROVÍNCIA MARISTA DO BRASIL CENTRO-SUL. *Diretrizes da ação evangelizadora*. São Paulo: FTD, 2011.

PROVÍNCIA MARISTA MEDITERRÂNEA. *Marco de espiritualidad*. Educación de la interioridad. Granada: Província Marista Mediterrânea, 2013. Disponível em: <[http://www.maristasmediterranea.com/imagenes/Marco\\_de\\_Espiritualidad.pdf](http://www.maristasmediterranea.com/imagenes/Marco_de_Espiritualidad.pdf)>. Acesso: 29 de mai. de 2017.

REDE MUNDIAL DE INSTITUIÇÕES MARISTAS DE EDUCAÇÃO SUPERIOR. *Missão Marista no Educação Superior*. Roma: General House, 2010. Disponível em: <<http://www.pucpr.br/arquivosUpload/5384567371425930062.pdf>>. Acesso: 29 de mai. de 2017.

SÍNODO DOS BISPOS. XIII ASSEMBLÉIA GERAL ORDINÁRIA. *A Nova Evangelização para a transmissão da fé cristã*. Cidade do Vaticano, 2012. Disponível em: <[http://www.vatican.va/roman\\_curia/synod/documents/rc\\_synod\\_doc\\_20120619\\_instrumentum-xiii\\_po.pdf](http://www.vatican.va/roman_curia/synod/documents/rc_synod_doc_20120619_instrumentum-xiii_po.pdf)>. Acesso: 29 de mai. 2017.

TURÚ, E. *Deu-nos o nome de Maria*. Roma: Instituto dos Irmãos Maristas, 2012. Circular 412, v. 32, n. 1. Disponível em: <<http://www.champagnat.org/510.php?a=5a&id=3870>>. Acesso: 29 de mai. de 2017.

UNIÃO MARISTA DO BRASIL. *Diretrizes da ação evangelizadora para o Brasil Marista*. Brasília: UMBRASIL, 2013.





**Rede  
Marista  
Internacional**  
de Instituições  
de Educação Superior

**PUCPRESS**